



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Tecnologia e Ciências

Instituto de Geografia

Jacqueline Vieira Damasceno

**Universidade Gama Filho – Paisagem e Geossímbolo**

Rio de Janeiro

2023

Jacqueline Vieira Damasceno

**Universidade Gama Filho – Paisagem e Geossímbolo**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cultura e Natureza.

Orientador: Prof. Dr. Nilton Abranches Júnior

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CTC/C

D155	<p>Damasceno, Jacqueline Vieira. Universidade Gama Filho – Paisagem e Geossímbolo / Damasceno, Jacqueline Vieira. – 2023. 88 f. : il.</p> <p>Orientador: Nilton Abranches Junior. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia.</p> <p>1. Universidade Gama Filho – História - Teses. 2. Paisagem - Teses. 3. Geossímbolo - Teses. 4. Planejamento urbano – Teses. 5. Piedade (RJ) – Teses. I. Abranches Junior, Nilton. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Geografia. III. Título.</p> <p>CDU: 502.6:711.5(815.3)</p>
------	---

Bibliotecária Responsável: Priscila Freitas Araujo/ CRB-7: 7322

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Jacqueline Vieira Damasceno

**Universidade Gama Filho – Paisagem e Geossímbolo**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cultura e Natureza.

Aprovada em 30 de janeiro de 2023.

Banca Examinadora: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Nilton Abranches Junior (Orientador)

Instituto de Geografia – UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Melissa de Souza Anjos

Instituto de Geografia – UERJ

---

Prof. Dr. Arthur Marques de Almeida Neto

Universidade Federal da Paraíba - UFP

Rio de Janeiro

2023

## **DEDICATÓRIA**

Dedico essa pesquisa à minha mãe e aos meus irmãos. Se até aqui eu pude chegar foi por ter recebido amparo e ter tido morada em sentimentos bons.

## AGRADECIMENTOS

Quando alcançamos uma meta desejada é comum que se passe um filme em nossa mente compilando todos os momentos vividos durante o trajeto percorrido. Ao visualizar as vitórias e derrotas, os choros e alegrias, vibrações e fracassos que percebemos o quão única e especial é nossa trajetória particular.

Para descrevê-la, seriam necessárias muitas páginas que com certeza encheriam essa pesquisa de orgulho e amor. Para os meus, deixo aqui a minha gratidão a minha segunda casa, Uerj. Aos meus queridos professores, aos meus irmãos, Viviane, Crislei, Grasielle e Joyce e a minha mãe Odete, obrigada pela base até aqui, vocês são o meu ar. Ao meu orientador João Baptista, que não se encontra mais com a gente fisicamente, ao meu orientador Nilton, que me acolheu com todo carinho e dedicação, sendo sempre muito atencioso comigo, apenas o meu mais sincero agradecimento, professor. A professora Melissa que teve um cuidado sem igual, não tenho palavras para agradecer. Pelo convívio, pelas trocas de ideias, vivências e as diferentes personalidades, que se juntaram e promoveram o meu ideal, de vencer mais uma etapa acadêmica.

Disse o poeta que não importa o tempo que durem as coisas. Essa etapa simboliza a fugacidade dos momentos irrepetíveis e também traduz o tempo marcado pelo ardor dos nossos esforços concentrados em busca do tão almejado destino. Fica, enfim, o sentido deste percurso que trilhado e o apontamento para novas conquistas pelas quais já se começa a caminhar. A certeza de que, em meio a tantos horizontes abertos pelos conhecimentos compartilhados, os quais levarei sempre comigo, mesmo que sem a presença geográfica neste mesmo espaço acadêmico, do qual ora me despeço com muito carinho, gratidão e saudade.

(...) e o monumento está vivo

Todo momento é motivo de festa (...)

*Moraes Moreira*

## RESUMO

DAMASCENO, Jacqueline Vieira. **Universidade Gama Filho – Paisagem e Geossímbolo**. 2023. 88 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

A Universidade Gama Filho (UGF), situada no bairro Piedade, Zona Norte do município do Rio de Janeiro, teve sua construção no final da década de 1930, possibilitando uma nova reestruturação do bairro, fomentando o crescimento do mesmo, a partir de seu funcionamento e de todas as atividades realizadas e proporcionadas pela instituição ao longo dos seus 75 anos de funcionamento. Ao lado disso, cabe ressaltar, as relações estabelecendo laços de identidade, pertencimento e a configuração de diferentes paisagens que, sob a ótica da geografia humanista cultural, foi e ainda é apreendida a partir das vivências obtidas naquele local. A análise busca também mostrar que a criação da Universidade promoveu um forte desenvolvimento econômico, transformando Piedade em um local de atração de atividades diversificadas e pessoas. Diante do exposto, são visíveis o crescimento econômico e o desenvolvimento urbano da área estudada, pois o fluxo de serviços se perdurou e multiplicou a partir da demanda exigida pela UGF, seja ela de alunos e funcionários, tanto quanto de serviços oferecidos, o que pode ser verificado a partir do impacto que esse aumento produz na área em termos de geração de novos empregos e renda. Ainda na conjuntura estudada, abordando sua trajetória, origem, funcionamento e pós-colapso verificamos que a Universidade foi elegida referência no bairro de Piedade. Sendo assim, a instituição educacional irradia aos residentes sentimentos, significados e paisagens que ficam no imaginário dos moradores, trazendo memórias devido às relações firmadas naquele quarteirão durante o longo período de seu funcionamento. Para que sejam obtidos os resultados esperados, a metodologia aplicada tem como suporte as referências bibliográficas que abrangem e compreendem o monumento e o simbolismo que a instituição representa aos residentes do bairro, assim como uma contextualização histórica do recorte espacial, se tornando viável através do trabalho de campo, a fim de apresentar as características da Universidade Gama Filho no decorrer dos anos e também entender a relação da mesma com os residentes.

Palavras - chave: Universidade Gama Filho; Piedade; paisagem; geossímbolo.



## ABSTRACT

DAMASCENO, Jacqueline Vieira. **Gama Filho University – Landscape and Geosymbol.** 2023. 88 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

The Gama Filho University (UGF), located in the Piedade neighborhood, North Zone of the city of Rio de Janeiro, was built at the end of the 1930s, allowing a new provision of the neighborhood, encouraging its growth, from its functioning and all activities carried out and provided by the institution throughout its 75 years of operation. Alongside this, it is worth mentioning the relationships establishing ties of identity, belonging and the configuration of different landscapes that, from the perspective of cultural humanist geography, was and still is understood from the experiences in that place. The analysis also seeks to show that the creation of the University promoted a strong economic development, associated Piedade in a place of attraction of shared activities and people. In view of the above, the economic growth and urban development of the studied area are visible, as the flow of services persisted and multiplied based on the demand required by the UGF, be it students and employees, as well as the services offered, which can be verified from the impact that this increase has on the area in terms of generating new jobs and income. Still in the conjuncture we studied, approaching its trajectory, origin, operation and post-collapse we verified that the University was chosen reference in the neighborhood of Piedade. Thus, an educational institution radiates feelings, meanings and landscapes to residents that remain in the imagination of residents, bringing memories due to the relationships established in that block during the long period of its operation. In order to obtain the expected results, the applied methodology is supported by bibliographical references that cover and understand the monument and the symbolism that the institution represents to the residents of the neighborhood, as well as a historical contextualization of the spatial cut, becoming viable through the work in the field, in order to present the characteristics of the Gama Filho University over the years and also to understand its relationship with residents.

Keywords: Gama Filho University; Piety; landscape; geosymbol.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Universidade Gama Filho em funcionamento .....	17
Figura 2 - Universidade Gama Filho .....	17
Figura 3 - Recorte do bairro Piedade .....	21
Figura 4 - Localização do bairro Piedade.....	21
Figura 5 - Estação de Piedade.....	23
Figura 6 - Bonde da Linha 77.....	23
Figura 7 - Igreja Divino Salvador.....	25
Figura 8 - Capela Nossa Senhora da Piedade.....	26
Figura 9 - Rua da Capela / Bairro Piedade.....	26
Figura 10 - Reprodução de uma notícia de jornal.....	28
Figura 11 - River Futebol Club.....	29
Figura 12 - Várzea Country Club.....	29
Figura 13 - Refinaria Piedade.....	30
Figura 14 - Estrutura da Refinaria Piedade.....	30
Figura 15 - Condomínio finalizado no local.....	31
Figura 16 - Faculdade de Ciências Jurídicas.....	32
Figura 17 - Mercado Piedade.....	33
Figura 18 - Ampliação do campus Gama Filho.....	34
Figura 19 - Feira de Livros.....	35
Figura 20 - Eventos.....	35
Figura 21 - Nadador Mark Spitz recebendoos cumprimentos de Luís Gama.....	36
Figura 22 - Recepção do judoca Flávio Canto.....	38
Figura 23 - Reportagem sobre patrocínio do boxe.....	39
Figura 24 - Comércio na Rua Manuel Vitorino.....	41
Figura 25 - Placa identificando o bairro e a Universidade.....	42
Figura 26 - Alunos no intervalo das aulas do Colégio Gama Filho.....	51

Figura 27 - Alunos no intervalo das aulas do Colégio Gama Filho.....	52
Figura 28 - Alunos interagindo entre as aulas do Colégio Gama Filho .....	52
Figura 29 - Dependências da Gama Filho na década de 90.....	53
Figura 30 - Alunos da UGF em manifesto junto ao Mec.....	56
Figura 31 - Dependências da Universidade Gama Filho.....	59
Figura 32 - Colégio de Aplicação Gama Filho.....	60
Figura 33 - Colégio de Aplicação Gama Filho.....	61
Figura 34 - Projeto Parque Piedade.....	64
Figura 35 - Projeto do Parque Piedade.....	65
Figura 36 - Fachada do antigo campus da UGF em processo de demolição.....	66
Figura 37 - Placa sinalizando o início do projeto Parque Piedade.....	67
Figura 38 - Comércio fechado em torno da Universidade Gama Filho.....	68
Figura 39 - Comércio que se sustentava do público universitário.....	69
Figura 40 - Comércio fechado.....	70
Figura 41 - Rua Manuel Vitorino / Bairro Piedade.....	71
Figura 42 - Rua Assis Carneiro / Bairro Piedade.....	71
Figura 43 - República de estudantes fechada.....	72
Figura 44 - Compilado de reportagens.....	74
Figura 45 - Cinema Dina Sfat sob escombros.....	75
Figura 46 - Parte interna do prédio principal.....	76
Figura 47 - Demolição de um dos prédios da Universidade Gama Filho.....	81
Figura 48 - Escombros do primeiro prédio do <i>campus</i> demolido.....	82
Figura 49 - Vista lateral dos escombros do primeiro prédio demolido.....	82
Figura 50 - Placa instalada na Rua Manuel Vitorino.....	83

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Esquema 1 – Representação diagramática da morfologia da paisagem.....	19
---	----

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1</b>	<b>PAISAGENS DE PIEDADE E SUAS NUANCES .....</b>	<b>16</b>
<b>1.1</b>	<b>Piedade – trajetória geográfica de um bairro.....</b>	<b>20</b>
<b>1.2</b>	<b>Universidade Gama Filho: formação e trajetória.....</b>	<b>31</b>
<b>2</b>	<b>PAISAGEM – O ÁPICE DO EMOCIONAL.....</b>	<b>43</b>
<b>3</b>	<b>DENTRE AS PAISAGENS, A DO MEDO .....</b>	<b>55</b>
	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>79</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>84</b>
	<b>ANEXO A – Questionário cenas do cotidiano .....</b>	<b>88</b>

## INTRODUÇÃO

O desejo de interpretar e reconhecer as paisagens que configuram o bairro nortista Piedade, localizado no município do Rio de Janeiro, utilizando a Universidade Gama Filho (UGF) como foco de análise, parte de um sentimento de pertencer e existir nele há 26 anos, fazendo parte, portando, da minha identidade enquanto ser e cidadã. Justo por isso posso falar com propriedade sobre as alterações paisagísticas e as cenas que foram se formando e se sucedendo durante o auge, colapso e pós-fechamento da unidade educacional, tecendo as cenas de trajetória e legado da respectiva instituição.

Na busca de identificar e entender as paisagens configuradas no bairro Piedade, derivadas a partir e desuso da Universidade Gama filho, já classificado um geossímbolo para um determinado grupo de pessoas, foi realizada uma análise durante seu período de construção, funcionamento, falência e também pós-fechamento que compreende o final da década de 1930, durante o período do Estado Novo, fase em que o presidente Getúlio Vargas governou o Brasil, (1937 - 1945). Por conseguinte, teve o seu funcionamento, que ocorrido no decorrer do século XX, e seu findamento, sucedido nos primeiros anos do século XXI, remanescendo apenas, o locus que consiste no conjunto de pontos e arestas daquele espaço.

Como se sabe, o geossímbolo nos auxilia a entender a relação entre um símbolo constituído de valores dentro do espaço, sendo a ligação identitária de determinado grupo ao seu lugar. Segundo Bonnemaïson (2002, pg. 102) “o geossímbolo pode ser um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade”.

A pesquisa também é de grande prazer e gratificação pessoal, por se acrescentar ao reduzido número de estudos realizados sobre a temática supracitada no âmbito da geografia humanista cultural, que visa acima de tudo entender e interpretar o modo de vida cultural daquele recorte, bem como ressaltar as relações das pessoas com o ambiente mencionado.

Neste sentido, se faz necessário identificar e interpretar as paisagens configuradas a partir do objeto de estudo, qual seja: a instituição de ensino superior privada Universidade Gama Filho (UGF), localizada no bairro de Piedade, Zona Norte do Rio de Janeiro com base referendada pelos moradores do entorno.

A paisagem apresenta-se como uma morfologia dinâmica, mais precisamente como uma totalidade atravessada por dialéticas internas e externas que se desdobram entre texturas, formas espaciais e temporais, fluxos, matérias deslocadas e transportadas, e funções mais ou menos

perfeitamente preenchidas. Essas dialéticas, na verdade, constituem a paisagem na sua realidade concreta (BESSE 2014).

Paisagem, um dos cinco conceitos chaves da geografia, é um termo polissêmico, sendo utilizado de muitas maneiras e por várias ciências diferentes. Consiste em tudo aquilo que é perceptível através de nossos sentidos, tendo análises através da visão, audição, olfato e dos sentimentos, é resultante da observação de partes de cenas que compõem o todo, com elementos significativos da junção do meio natural com a interação do meio social e pelas experiências vividas. Ler a paisagem é perceber modos da organização do espaço, suas composições e desdobramentos. Assim, o presente estudo visa entender e apreender a relação do fechamento da Universidade Gama Filho e a alteração das paisagens locais, evidenciando a carga de sentimento do grupo social que vivenciou os tempos áureos da instituição.

Na perspectiva da geografia humanista cultural, os estudos da paisagem, inicialmente focados na descrição das formas físicas da superfície terrestre, passam a contemplar a dimensão simbólica da paisagem a partir da renovação da ciência geográfica e a consequente valorização do conceito de cultura. Assim, a paisagem cultural deixa de ser concebida apenas como um dado objetivo e passa a considerar os elementos que ultrapassam o olhar, como as sensações vividas e sentidas pelo observador, valorizando os aspectos subjetivos da relação das pessoas com o ambiente. (FURLANETTO, 2017).

Desta maneira, para que a temática apresentada seja analisada de maneira satisfatória, foram desenvolvidos objetivos a serem alcançados ao longo da pesquisa. O objetivo geral que permeia a presente pesquisa é interpretar e traduzir as paisagens que configuram o bairro nortista Piedade, localizado no município do Rio de Janeiro, utilizando a Universidade Gama Filho como foco de análise, durante o seu auge, colapso e pós-fechamento, tecendo as cenas de trajetória e legado da respectiva instituição.

Neste contexto, apresentamos como objetivo específico identificar e entender as mudanças na paisagem no período de funcionamento, declínio e pós-fechamento da universidade, mas também as paisagens culturais que são formadas por meio dela e conectadas a partir de uma ligação emocional, que pode gerar um sentimento de agradabilidade tanto quanto de medo (Tuan, 2006).

Dito isto, ansiando atender os objetivos propostos, esta pesquisa parte da seguinte questão central: quais categorias de paisagem podemos apreender, no bairro de Piedade, a partir da Universidade Gama Filho, mediante a inserção de aspectos culturais através da atuação antrópica nas transformações geográficas? A problemática surge a partir da visível modificação

de paisagens devido o fechamento da unidade educacional, e como o ocorrido afetou a punjância do bairro e a vida dos moradores.

Além disso, a pesquisa segue um procedimento para um determinado fim por assim dizer, uma vez que ela percorre o roteiro da minha trajetória acadêmica, que teve como trabalho final da minha graduação, a análise da Universidade Gama Filho enquanto lugar, espaço no qual estou inserida, onde localiza-se a minha identidade, onde me reconheço e faço parte. A consecução deste trabalho está na interpretação das paisagens, nas cenas apreendidas.

Foram realizados ainda trabalhos de campo para captar em imagens as possíveis alterações das cenas, e tentativa de apreender o olhar do senso comum, cada modo de pensar da maioria dos residentes do bairro e do entorno, tentando traduzir em sensações e sentimentos as cenas do recorte espacial e conseqüentemente as experiências, vivências e observações de mundo.

Complementarmente, foram realizadas entrevistas, visando compreender as formas que as paisagens se apresentam para os diferentes moradores e frequentadores do bairro Piedade, caracterizado como bairro de passagem. A visão destes na geografia humanista cultural é de suma importância por se tratar de costumes e hábitos de um determinado grupo social. As perguntas que compuseram os questionários e as entrevistas estão anexadas ao fim da dissertação. Por fim, utilizamos registros fotográficos representativos de espaços e cenas dos cotidianos inseridos no recorte espacial da pesquisa, bem como mapas que auxiliem na localização do bairro.

Para atender aos objetivos propostos, foi necessário identificar os procedimentos e as fontes mais adequadas à temática. Em um primeiro momento, foi realizado um levantamento bibliográfico, buscando referências teóricas que contemplem os conceitos fundamentais para a pesquisa, a fim de promover uma discussão e a caracterização histórica. Posteriormente, buscamos informações junto a órgãos oficiais, como a Ministério de Educação e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), valorizando dados qualitativos acerca da unidade educacional.

Dito isto, a dissertação está estruturada em três capítulos, onde no primeiro estabelecemos uma discussão mais aprofundada sobre o conceito de paisagem e suas perspectivas no âmbito da geografia humanista cultural, apresentando definições propostas por autores como Sauer (1925), Crosgrove (2012) e Besse (2014). Finalizando o capítulo inicial, será realizada uma contextualização com ênfase na paisagem cultural, abordando suas contribuições e correlacionando sua importância na interpretação das paisagens apreendidas a



partir da Universidade Gama Filho, como a paisagem emocional, ressaltando os processos, objetos e pessoas que atuam na transformação dos aspectos paisagísticos.

No segundo capítulo apresentamos a análise e interpretação sobre a transformação da paisagem emocional a partir da linha temporal que compreende o funcionamento da instituição, bem como seu declínio, pautando-nos em abordagens realizadas por autores Tuan (2005) Rosendhal (2012) e Mello (2005), viabilizando o acesso à cultura, lazer e as demais práticas de convívio social.

Por último traçaremos uma interpretação da paisagem atual, que expressa medo e aversão contrapondo com as paisagens concebidas anteriormente. O vazio e desabitado, permite que o medo ocupe espaços que outrora estavam acostumados a receber produção intelectual acompanhada de relações e vivências que forneciam familiaridade e admiração.

## 1 PAISAGENS DE PIEDADE E SUAS NUANCES

Este capítulo realiza através da ótica estabelecida pela corrente humanista cultural, uma abordagem do conceito de paisagem, com foco na trajetória da Universidade Gama Filho, e em todo o seu percurso de funcionamento, resgatando a paisagem histórica e cultural instalada no ambiente do bairro Piedade. Neste sentido, para construção deste capítulo utilizamos como baseos estudos dos geógrafos Carl Sauer, Denis Cosgrove, Marc Besse, Yi-Fu Tuan, para interpretar e entender as paisagens apresentadas a partir da unidade educacional selecionada para o estudo. O cuidado com a paisagem ocupa, na atualidade, uma posição crucial nas preocupações sociais e políticas devido à qualidade dos quadros de vida oferecidos às populações, em relação aos questionamentos sobre a identidade dos lugares, sobre a proteção dos territórios ou, ainda, sobre a proteção dos meios naturais.

Neste contexto, vale ressaltar, este conceito geográfico constitui uma perspectiva importante na concepção da cidade, das novas experiências do espaço, da sociedade e da natureza, além destes perpassarem pelo campo de pesquisa da paisagem cultural, uma vez que a paisagem humanista cultural é interpretada sob a ótica das relações e dos vínculos obtidos no local, bem como a inserção de aspectos culturais, possibilitando ser observada a partir de diversos ângulos e escalas de análise.

Assim, uma abordagem interpretativa das representações paisagísticas é legítima, pois as alterações estabelecidas na paisagem recortada, qual seja a Universidade Gama Filho (Figuras e 2), além de visíveis, transformaram a percepção dos moradores e frequentadores, provocando uma evasão urbana.

Figura 1 - Universidade Gama Filho em funcionamento



Fonte: O globo 2022.

Figura 2 – Universidade Gama Filho - fechada há quatro anos no momento da foto.



Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

De acordo com Sauer (1925), década de 1930, do século XX, os primeiros estudos sobre o conceito paisagem são centrados através da observação sistemática de seus elementos, classificada como meio natural, que podem ser de domínios diferentes estando em constante processo de alteração, no qual seus fenômenos são constituídos por si só. Além disso, tem como foco de análise modos específicos e distintos, sendo submetido a diversos olhares de geógrafos e outras ciências. Do século XIX a década de 1970, sua gênese, formação e características são especificidades levadas em conta para obtenção de seus significados e contribuindo para a compreensão da ação antrópica nas paisagens, transformando-a de modo a termos inúmeros cenários.

Sua morfologia constitui-se a respeito das evidências objetivas e sua organização estrutural no meio ambiente, obedecendo a uma perspectiva ambiental, com elementos bem marcados na paisagem, tais como relevo, clima e vegetação. Mas não descarta a cultura, ainda que seja um conceito abrangente, visto principalmente como um conjunto de criações humanas. A cultura, por outro lado, desempenha papel fundamental, podendo ser vista como uma entidade supra orgânica (Sauer, 1925). A paisagem é bem marcada com características naturais e representada por um conjunto de fatos morfológicos. No entanto, para a formação do conceito deve sempre se levar em consideração suas relações associadas ao tempo e ao espaço, formando um processo constante de desenvolvimento. Tal processo assinala a divisão das marcas e características. Seu processo morfológico indica apresentações culturais à medida que o homem se insere no meio e suas ações se expressam por si. Nestas circunstâncias, na paisagem cultural a apreciação configura-se por meio das cenas eleitas ou adotadas pelos indivíduos e grupos sociais. Corroborando com Besse (2017, p. 29), “a paisagem é um espaço organizado, isto é, composto e desenhado pelos homens na superfície da Terra; a paisagem é uma obra coletiva das sociedades que transformam o substrato natural”

Já a partir da década de 1980, na denominada geografia cultural renovada, a análise da paisagem atende aos seus significados e atributos, dados através da cultura dominante do meio. Percebemos que a interpretação da paisagem não é uma tarefa fácil, pois precisamos compreender suas sutilezas e singularidades, interpretar a maneira como a cultura interfere na estrutura espacial e como esta é organizada, bem como desvendar os motivos resultantes de seu ordenamento e descrever seu nível de desenvolvimento.

A paisagem cultural é formada a partir da paisagem natural com ações de um determinado grupo social, sendo a chamada força ativa agindo no ambiente natural, de modo a traduzir e espelhar as características do grupo social atuante. Essa determinada cultura

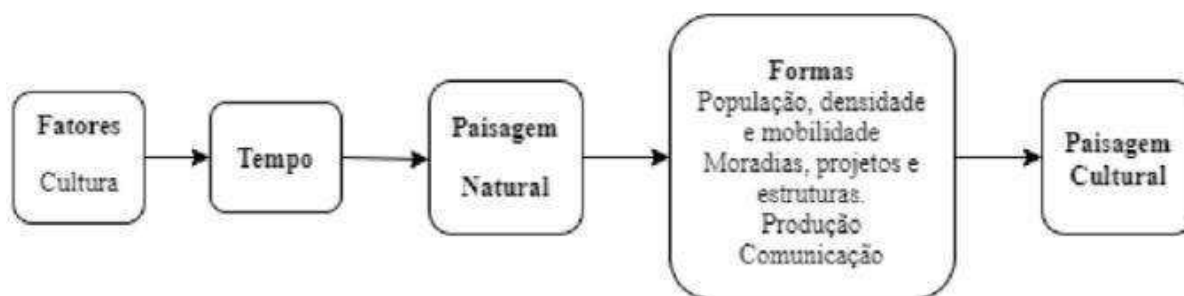
modifica-se com o passar do tempo, influenciando a formação da paisagem, podendo atingir seu clímax de desenvolvimento a menos que novos elementos culturais sejam introduzidos.

Sobre isso Meinig afirma: (2003, pg. 35) “a paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes.” Essa paisagem cultural que traduz uma identidade local, de um determinado grupo social, é apreendida de formas diferentes e carregada de percepções sensoriais. Para Sauer, (2012, p. 209):

A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. Nessa equação, a cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado. Sob influência de determinada cultura, ela própria mudando ao longo do tempo, a paisagem apresenta um desenvolvimento, passando por fases e provavelmente atingindo no final o término de seu ciclo de desenvolvimento.

A paisagem é o conjunto de formas naturais e culturais associadas em uma área. Nestes termos, materialidade e extensão são atributos essenciais da paisagem saueriana, não se admitindo o uso do termo como metáfora, como paisagem política ou econômica. As formas que constituem a paisagem estão integradas entre si, apresentando funções que criam uma estrutura. Esta constitui, assim, em uma unidade orgânica ou quase orgânica. Trata-se de morfologia na qual forma, função e estrutura são elementos centrais, como pode ser observado no esquema 1, retirado de Sauer (2012, pg. 209).

Esquema 1: Representação diagramática da morfologia da paisagem



Fonte: Geografia Cultural: Uma Antologia – Volume 1 (2012, pg. 209)

Por outro lado, na visão da geografia cultural renovada, mediante a abordagem das contribuições do geógrafo inglês Cosgrove (1989), a paisagem é carregada de sentimentos e sensações, caracterizando-se por uma narrativa, sendo obtida através de maneiras distintas de ver, pois envolve a percepção sensorial, nossa relação com o espaço e a assimilação e apreensão das situações ao nosso redor. Cada pessoa terá um olhar e captará uma imagem particular, na medida em que a paisagem é produto do vivido, das relações e experiências que cada indivíduo

carrega dentro de si, tal como carga de sentimentos. Cada qual com sua cultura constituída, isto é, reflexo, meio e condição social. O autor supracitado (2012, p.223) afirma:

A paisagem sempre esteve intimamente ligada, na geografia humana, com a cultura, com a ideia de formas visíveis sobre a superfície da Terra e com sua composição. A paisagem, de fato, é uma maneira de ver, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma “cena”, uma unidade visual.

Assim, embora não tenham sido contemporâneos, tanto para Sauer como para Cosgrove a paisagem teve enorme centralidade, apresentando configurações a partir da cultura na qual a mesma se insere. Esta interpretação segue em via de três termos – paisagem, cultura e simbolismo, enfocando este último elemento na composição das paisagens culturais. Tema imprescindível para esta pesquisa, uma vez que se pretende ressaltar a importância do grupo social que frequentava a Universidade Gama Filho, além dos moradores de seu entorno, descortinando suas relações e suas diferentes paisagens.

Sendo assim, com objetivo de abordar como a paisagem emocional é apreendida no recorte espacial utilizado, apresentamos em forma de estudo empírico as sensações traduzidas nas paisagens captadas pelos indivíduos que tiveram vínculos diretos e/ou indiretos com a Universidade Gama Filho. Para que possamos traçar sua trajetória e apreender as paisagens evocadas e forjadas a partir da Universidade Gama filho, se faz necessário informar e traduzir o circuito percorrido desde sua construção até o pós-colapso, fazendo um resgate histórico do funcionamento da mesma e os desdobramentos no entorno em virtude de sua instalação.

### **1.1 Piedade - trajetória geográfica de um bairro**

Piedade é um bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro (Figuras 3 e 4) com aproximadamente 43 mil habitantes, de acordo com o censo 2010 do IBGE, sendo em sua maior parte residencial e de comércio reduzido. A população do bairro é distribuída de forma não proporcional, onde o maior número de indivíduos está na faixa de 15 a 64 anos, mostrando um bairro de classe média composto por jovens e adultos em sua maioria. O bairro nortista é dotado de carga simbólica, tendo como principais símbolos reconhecidos pelos seus moradores, segundo a pesquisa monográfica do mesmo tema realizado por Jacqueline Damasceno (2019), a igreja homônima Nossa Senhora da Piedade, a Igreja Divino Salvador, a



estação ferroviária, o Campus da Universidade Gama Filho (já desativado), o Hospital da Piedade, o Clube Várzea

– fechado no início dos anos 2010 (antiga chácara de Assis Carneiro), a antiga refinaria de açúcar União e a fábrica de amendoim Agtal.

Figura 3 – Recorte do bairro Piedade em vermelho



Fonte: Google Maps, 2018.

Figura 4 – Localização do bairro Piedade



Fonte: pt.wikipedia.org, 2013.

O processo de formação do bairro de Piedade ocorreu, adentrando-se ao século XX, através da ocupação de latifundiários e fazendeiros, produtores de açúcar e aguardente que se fixaram naquela porção do Rio de Janeiro. O desenvolvimento local aconteceu por conta da ferrovia implantada em fins do século XIX, originando as características que o bairro possui hoje. Fazendo um resgate das memórias de Piedade, verificamos que no final do século XIX, já no fim da Monarquia, com objetivo de dinamizar a administração local, foram criadas as circunscrições da Federação, juntamente com os novos distritos, originando o bairro, que apresenta em sua paisagem morfológica encostas e elevações, onde se situam as comunidades do Jardim Piedade, atualmente Caixa D' Água, o Complexo do Urubu, além do Morro dos Marianos e Engenheiro Alfredo Gonçalves, já inexistentes. (Damasceno, 2019).

Concebido nas terras entre as freguesias de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá e São Tiago de Inhaúma, o bairro consistia em uma sesmaria doada a Apolinário Pereira Cabral, no ano de 1779. No referido período, as áreas conhecidas atualmente como subúrbios cariocas eram de natureza rural, sendo ocupadas por fazendas e engenhos de açúcar e aguardente e associados às casas paroquiais. O comércio desses e de outros produtos era praticado de forma intensa, escoando através dos rios Pavuna e Meriti. (Damasceno, 2019).

No decorrer do processo de formação, grandes latifúndios foram confiscados e, posteriormente, divididos para serem arrematados, destinando uma nova configuração a localidade. O assentamento dos trilhos da Estrada de Ferro Dom Pedro II, denominada posteriormente de Central do Brasil, acentuou a divisão das principais propriedades na área. De acordo com Abreu (2006, p. 43):

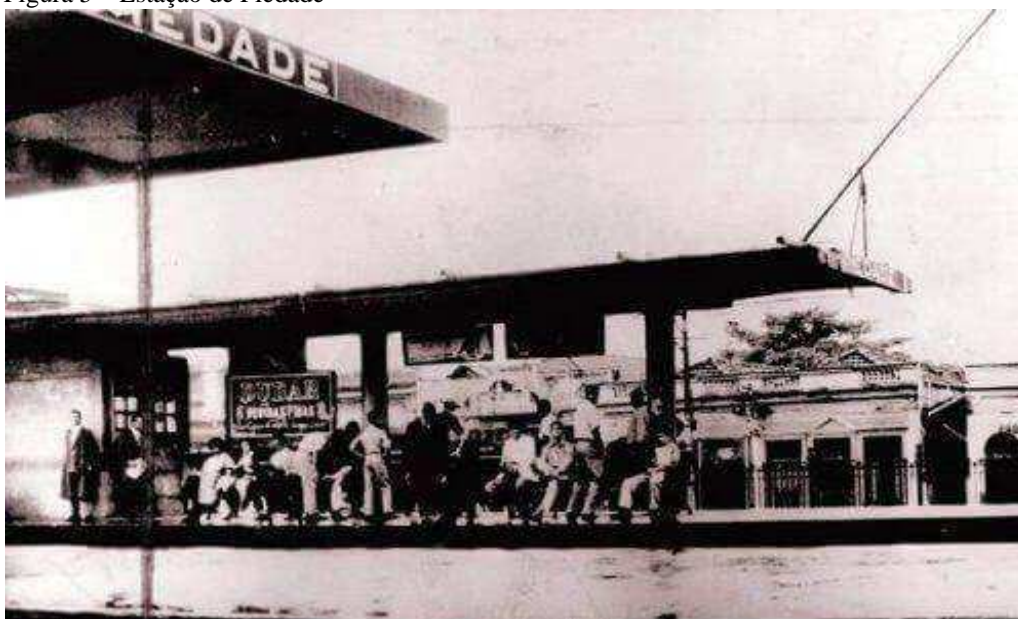
O período que se estende de 1870 a 1902 representa, para a história do Rio de Janeiro, não só a primeira fase de expansão acelerada da malha urbana, como também a etapainicial de um processo em que esta expansão passa a ser determinada, principalmente, pelas necessidades de reprodução de certas unidades do capital, tanto nacional como estrangeiro. Este período começa, na realidade, em 1858, com a inauguração do primeiro trecho da Estrada de Ferro Dom Pedro II (atual Central do Brasil) que permitiu, a partir de 1861, a ocupação acelerada das freguesias suburbanas por ela atravessadas.

A estação de Piedade (Figura 5), inaugurada em 1873, articulou e integrou os percursos na área. À época da expansão ferroviária da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, a estação de Piedade fora batizada de Estação “Gambá”, pois durante uma viagem, o Imperador Pedro II se deparou com uma região infestada de gambás e a batizou de Parada ou Estação “Gambá”. Posteriormente, devido ao descontentamento dos moradores e a pedido da esposa de Assis Carneiro, teve seu nome trocado por Piedade a mando do diretor da Estrada de Ferro



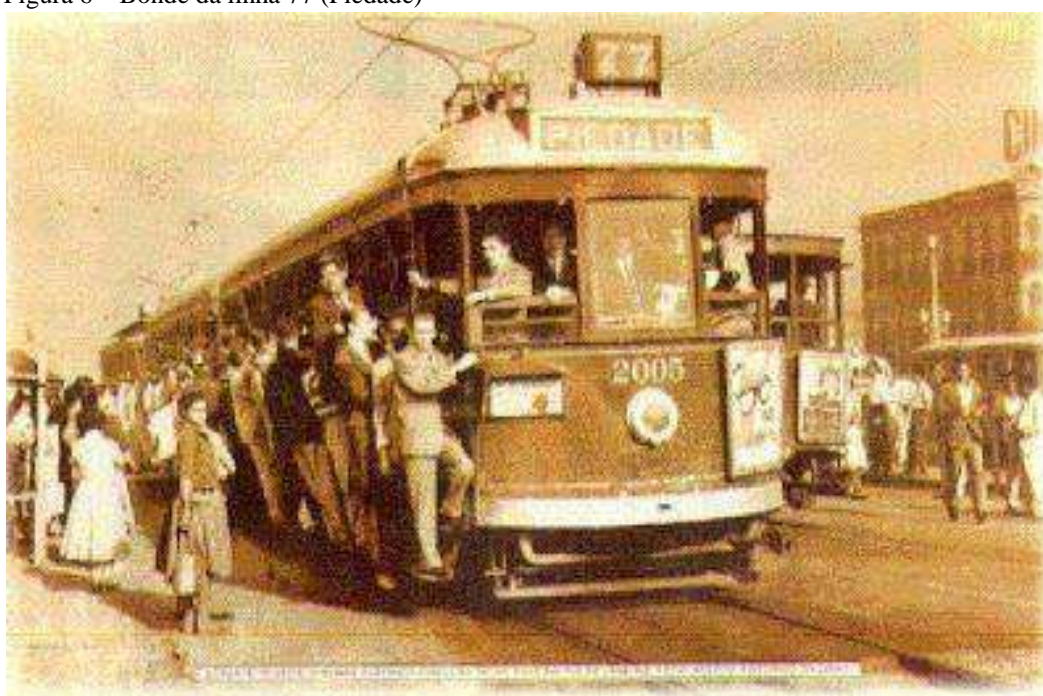
Central do Brasil, como relatado no livro *Um bairro chamado Piedade: Memória de um subúrbio Carioca*. (Ano 1991; Damasceno, 2019). No decorrer do tempo, em sua expansão, Piedade recebeu também os bondes elétricos, que durante 70 anos circularam pelas ruas do Rio de Janeiro. (Figura 6).

Figura 5 – Estação de Piedade



Fonte:Diário do rio, 2022.

Figura 6 – Bonde da linha 77 (Piedade)



Fonte: O Rio que não vivi, 2022.

A ocupação começou ao longo da Estrada Real de Santa Cruz, que posteriormente passou a ser denominada como Avenida Suburbana, e hoje se chama Avenida Dom Hélder Câmara. Nesta área, desenvolveram-se grandes chácaras pertencentes às famílias Curvelo Cavalcanti e Antônio Botafogo que, mais tarde, foram subdivididas, originando as ruas do bairro como conhecemos no presente (Damasceno, 2019).

No início do século XX, Piedade apresentava configuração consideravelmente rural com pequenos loteamentos de terra. No entanto, com as crescentes atividades econômicas as transformações eram percebidas. A discreta expansão comercial aliada à construção de edifícios residenciais foi modificando a fisionomia urbana e deixando para trás a antiga sociedade agrária e escravagista. Buscando interligar áreas fora do centro urbano da cidade, o então prefeito Pereira Passos (1902-1906) criou estradas de ligação entre os bairros de Piedade e Quintino, assim como fez entre Engenho Novo e Méier e entre Méier e Engenho de Dentro. Desta maneira, o bairro recebeu investimentos urbanos, tais como construções de vias e estradas. A presença da estação de trem em Piedade reforçou a movimentação de trabalhadores em direção ao subúrbio e a ocupação e fixação dos moradores no bairro. Segundo Abreu (2006, p. 50),

O processo de ocupação dos subúrbios tomou, a princípio, uma forma tipicamente linear, localizando-se as casas ao longo da ferrovia e, com maior concentração, em torno das estações. Aos poucos, entretanto, ruas secundárias, perpendiculares à via férrea, foram sendo abertas pelos proprietários de terras ou por pequenas companhias loteadoras, dando início assim a um processo de crescimento radial, que se intensificaria cada vez mais com o passar dos anos.

Os residentes do bairro de Piedade caracterizavam-se por serem principalmente latifundiários, comerciantes, industriais, funcionários públicos e operários. Os quarteirões eram formados por casarões que remetiam as moradias portuguesas, assim como modestas casas localizadas no sopé dos morros. Sua configuração era típica de interior, contendo pelo menos duas capelas construídas no início do século XX, uma em 1912 e outra em 1915, em homenagem a Nossa Senhora da Piedade que nomina o bairro, pois a comunidade em formação desejava uma igreja na qual pudessem exercer sua fé. Cabe destacar, essas duas capelas são símbolos elencados pelos próprios moradores em pesquisa realizada para elaboração do meu trabalho monográfico.

A construção dos ambientes religiosos foram possíveis devido ao tratado dos Salvatorianos com a comunidade local para o levantamento de fundos e pelo envolvimento integral com as obras. Neste sentido, os padres da congregação regional proporcionaram a construção dos dois símbolos religiosos, quais sejam a Igreja do Divino Salvador, inaugurada no ano de 1912, que se tornou sede das atividades paroquiais, ganhando o título de Paróquia

em 07 de abril de 1936, e a Igreja Matriz de Nossa Senhora de Piedade, inaugurada em 26 de outubro de 1915, atualmente hoje ela é só uma paróquia. (Figuras 7 e 8).

Figura 7 - Igreja Divino Salvador



Fonte: Acervo Pessoal, 2018.



Figura 8 - Capela Nossa Senhora da Piedade



Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

A Capela está localizada no ponto mais alto da rua homônima, como mostra a figura 9.

Figura 9 - Rua da Capela / Bairro Piedade



Fonte: Web quarto, 2022.

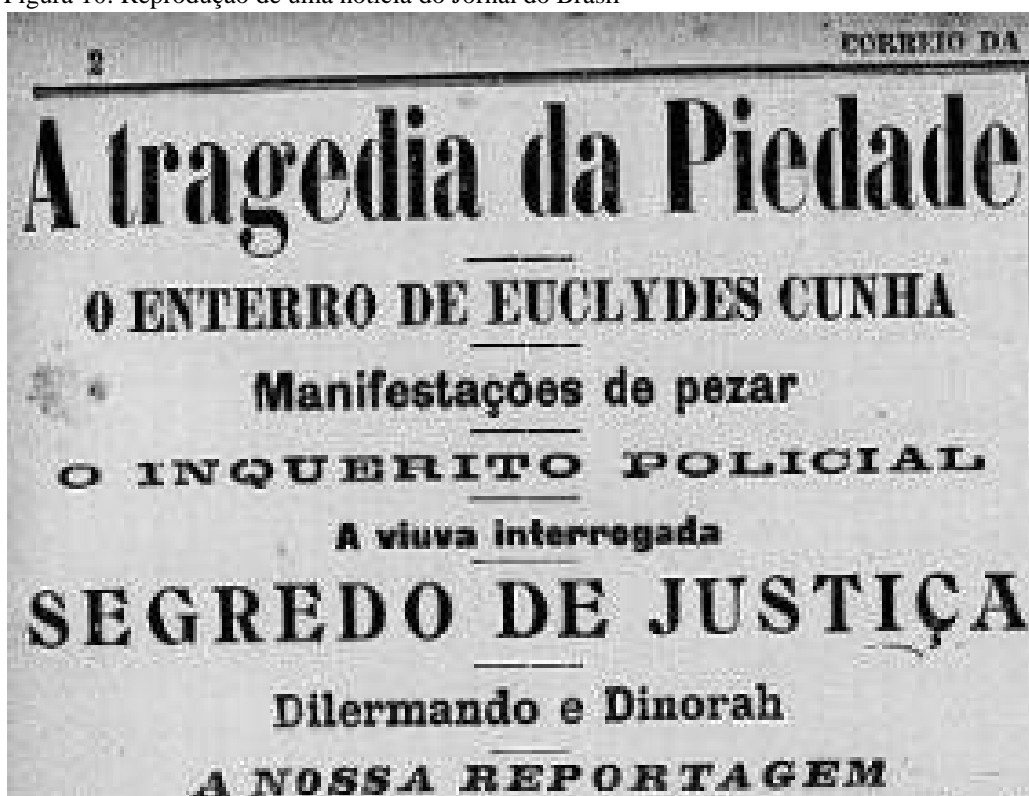
Com aspecto residencial e de comércio reduzido, foi no século XX que começaram a surgir suas principais atividades econômicas, sendo implantada uma rede de comércio, como padarias, farmácias e bares, além de dois cinemas – Jovial e Piedade, algumas indústrias, bem como a Universidade Gama Filho, importante estabelecimento universitário privado. Além disso, destaca-se a refinaria União, inaugurada em 1957, na Rua Assis Carneiro, concentrando uma significativa quantidade da mão-de-obra bairrista, impulsionando o crescimento do mesmo. A usina de açúcar teve papel importante, pois através de sua produção propiciou o desenvolvimento local, trazendo melhorias urbanas, intensificando os fluxos de serviço e modificando o cenário local. Desativada na década de 1990, o prédio foi comprado pela construtora Cury, que o transformou em condomínio residencial, inaugurado no início desta década. (Damasceno, 2019).

No ano de 1932, foi criada a Circunscrição da Piedade, para fins de divisão territorial, administrativa, eleitoral e eclesiástica. Na década de 1960, surgiram as Administrações Regionais, e sua denominação, delimitação e codificação foram estabelecidas pelo Decreto nº 3.158, de 23 de julho de 1981, com alterações do Decreto nº 5.280, de 23 de agosto de 1985, conforme site acessado em 25 de setembro de 2020.

Piedade abrigou pessoas ilustre que vinham em busca de climas amenos e tranquilidade. Foi residência do médico Manuel Vitorino Pereira, político brasileiro, sendo vice-presidente da República no mandato de Prudente de Moraes (1894-1898), assumindo o governo por enfermidade do titular, durante quatro meses. Soma-se a ele, outro famoso morador, o escritor Euclides da Cunha, que residiu na Estrada Real de Santa Cruz.

Sobre Euclides da Cunha tem um fato interessante em virtude de uma relação extraconjugal de sua esposa, Ana Emília Ribeiro. Tal fato diz respeito, ao escritor ter protagonizado um episódio denominado “A Tragédia de Piedade”. O escritor, após tomar conhecimento do fato, decidiu colocar fim na relação e minimizar os transtornos causados pela traição, além de assassinar o amante de sua esposa, o aspirante do Exército, Dilermando de Assis. Com a evidente intenção de matar ou morrer, Euclides da Cunha se dirigiu a estação Central do Brasil, desembarcando na estação da Piedade, se deslocou até a casa número 214, localizada na Estrada Real de Santa Cruz, atualmente Avenida Dom Helder Câmara. Foi atendido pelo aspirante Dinorá, irmão do amante de Ana Ribeiro, sua esposa. Após uma troca de tiros, Euclides faleceu com um tiro fatal aos 43 anos de idade. O incidente foi notícia nos jornais locais, (Figura 10) além de ter originado uma minissérie na Rede Globo de Televisão na década de 1990, final do século XX, denominada “Desejo”.

Figura 10: Reprodução de uma notícia do Jornal do Brasil



Fonte: Jornal Correio da Manhã, Ano IX, Edição 2953 de 17 de agosto de 1909.

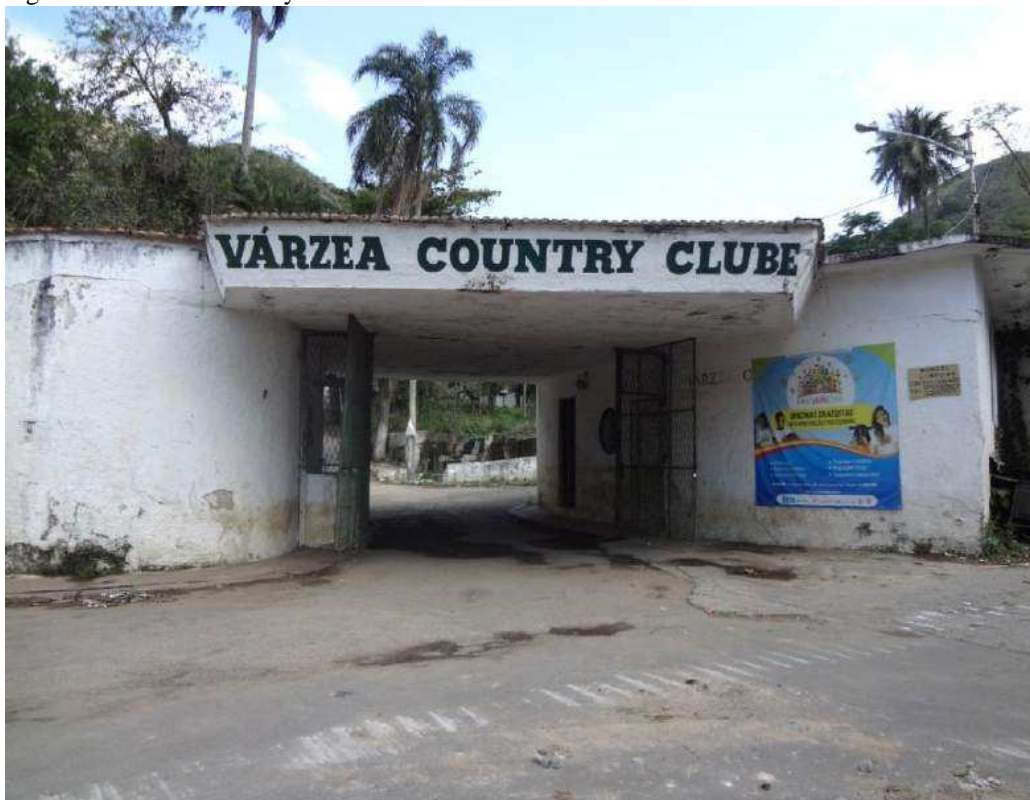
Para além do curioso fato supracitado, Piedade abrigou alguns pontos que ofereciam atividades de lazer aos moradores, são eles: o River Futebol Clube, referência no bairro, promove interações de sociabilidade entre os residentes através de uma programação com atividades social e de lazer, tais como piscinas para banho, campos de futebol e serestas. Foi o primeiro clube em que o jogador de futebol Arthur Antunes Coimbra o Zico, atuou antes de se transferir para o Clube de Regatas do Flamengo. Podemos perceber assim que o ponto de lazer atingia os bairros circunvizinhos, como o bairro de Quintino, local de nascimento e moradia do antigo jogador, que se deslocava para ter acesso aos serviços oferecidos pelo clube. Por seu turno, o Várzea Country Club, atualmente fechado, também atuou no sentido de fornecer e promover sociabilidade aos seus moradores, contribuindo para o não deslocamento para bairros vizinhos em seus dias de descanso (Figuras 11 e 12)

Figura 11 – River Futebol Club



Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

Figura 12 - Várzea Country Club



Fonte: Acervo Pessoal, 2018.



Prosseguindo elencamos outro símbolo do bairro nortista, a refinaria Piedade, fabricante do açúcar União. Sua instalação ocupou parte significativa da área nobre do comércio do bairro, desapropriando pequenos estabelecimentos do local, como padarias e os cinemas Jovial e Piedade. A usina funcionou durante décadas, até seu fechamento no ano de 1994, quando a empresa responsável por sua administração foi transferida para o estado de São Paulo. Atualmente o terreno cede instalações para um condomínio residencial (Figuras 13, 14 e 15).

Figura 13 - Refinaria Piedade



Fonte: Um bairro chamado piedade memória de um subúrbio carioca (1991, p.104).

Figura 14 – Estrutura da Refinaria Piedade



Fonte: Acervo Pessoal, 2018.



Figura 15 - Condomínio finalizado no local



Fonte: Acervo Pessoal, Novembro de 2022.

Diante do exposto, o próximo ponto se dedica a discorrer sobre a Universidade Gama Filho de sua inauguração até seu fechamento, descortinando suas paisagens apreendidas a partir da mesma em virtude de sua trajetória e dos desdobramentos de seu funcionamento, no intuito de revelar sua importância e magnitude

## 1.2 Universidade Gama Filho: formação e trajetória

O Centro Universitário Gama Filho foi fundado pelo Vereador Luís Gama Filho em 1939, inicialmente como o Ginásio Piedade, durante o Estado Novo, período em que Getúlio Vargas governou o Brasil, entre 1937 até 1945. Tal fato propiciou o crescimento e desenvolvimento econômico do bairro, dinamizando e transformando-o em um local de atração

de pessoas e serviços. Em 1943 seu nome é alterado para Colégio de Aplicação. Luiz Gama Filho tinha um sonho de educar para o amanhã e um desafio: transformar o velho Ginásio Piedade, em uma universidade. Sem autor, 1991. (UGF 1991)

Na década seguinte, se tornou a primeira instituição a oferecer um curso superior no subúrbio carioca, com a fundação da Faculdade de Ciências Jurídicas, em 1951 (Figura 16). A família Gama, ainda nos anos de 1950, se envolvia com outros setores da comunidade. Além de viabilizar o crescimento da universidade, promoveu também a construção do Mercado Piedade. A iniciativa da obra fomentou o desenvolvimento da área através de infraestrutura urbana, como calçamento, iluminação pública, saneamento e reformas das escolas locais, como podemos visualizar na figura 17.

Figura 16 – Faculdade de Ciências Jurídicas



Janeiro de 1951. Nasce a Faculdade de Ciências Jurídicas do Estado do Rio de Janeiro. A iniciativa de Gama Filho vira notícia nos jornais. Piedade é o primeiro subúrbio carioca que oferece curso superior à comunidade. A primeira turma, com mais de cem alunos, prenuncia o surgimento de outros cursos.

Fonte: Um bairro chamado Piedade memória de um subúrbio carioca (1991, pg. 91).

Figura 17 – Mercado Piedade



Fonte: Um bairro chamado Piedade memória de um subúrbio carioca (1991, pg. 93)

No decorrer da década de 1960, em vias de um crescimento vertiginoso e acelerado, outros cursos foram criados, inclusive o de medicina e, em março de 1972, a instituição recebeu o título de Universidade, transformando-se na Universidade Gama Filho (UGF), sendo o decreto de reconhecimento assinado pelo ministro Jarbas Passarinho. Ainda na década de 1970, a demanda e a oferta de novos cursos cresceram consideravelmente, e precisamente no ano de 1972, a Universidade Gama Filho ampliou seu campus de forma considerável (Figura 18). Seu crescimento ostensivo originou diversas configurações na paisagem do bairro.



Figura 18 - Ampliação do Campus Gama Filho em 1972



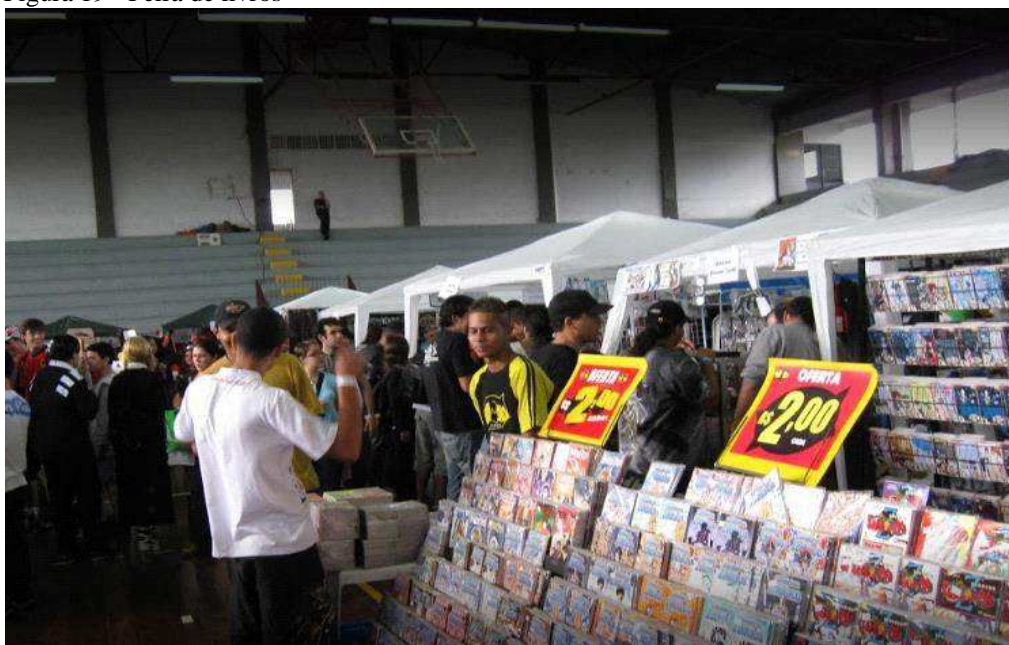
Fonte: Um bairro chamado Piedade memória de um subúrbio carioca (1991 pg.107)

Em seus anos de funcionamento, a Gama Filho constituiu-se em um verdadeiro referencial de ensino, qualidade e tradição, sendo fundamental seu papel na dinâmica local devido ao seu intenso fluxo de alunos e funcionários. A unidade disponibilizou três *Campi*: primeiro e principal, o *campus* Gonzaga da Gama Filho, localizado em Piedade, o segundo *campus* Barra-Downtown, inaugurado no ano 2005, e o terceiro *campus* Centro-Candelária inaugurado no ano 2013, além do Colégio de Aplicação Gama Filho, sediado em Piedade. Com tais recursos, formou milhares de profissionais em seus cursos de graduação presencial, contando ainda com cursos de especialização, mestrado e doutorado. Além da atividade de formação, contava ainda com atividades de extensão, oferecendo atendimento e assistência à comunidade local com serviços gratuitos através de atividades práticas propostas aos alunos com supervisão dos professores, como atendimentos odontológicos, psicológicos, consultoria jurídica e serviços de engenharia. Proporcionava também eventos culturais e esportivos, como shows, feiras de livros, campeonatos de xadrez, natação, futebol de salão, entre outros. O Parque Desportivo UGF contava 7.500 m<sup>2</sup> de área construída, considerada na época uma das melhores



estruturas da Zona Norte, contendo duas piscinas (uma olímpica e outra semi-olímpica) aquecidas, duas quadras polivalentes e dependências para várias práticas de esporte tais como natação, hidroginástica, judô, jiu jitsu, luta olímpica, futsal e musculação. Como requisitos para inscrição era exigido um exame médico obtido de forma gratuita no próprio Parque Desportivo, que certificasse a aptidão a prática de atividade física. Como ilustração de tal fato, exibem-se as figuras 19 e 20.

Figura 19 - Feira de livros



Fonte: Acervo Pessoal, 2004.

Figura 20 - Eventos



Fonte: Acervo Pessoal, 2004.

A Universidade Gama Filho investiu maciçamente em esportes. Durante as Olimpíada de 1980 um terço da delegação brasileira estavam ligados a UGF. A universidade tinha como propósito maior oferecer uma educação completa, integralizada e de qualidade. É importante ressaltar, as dependências desportivas da Gama Filho abrigaram campeonatos municipais e estaduais, além de servir de base de treinamento para importantes nomes do esporte brasileiro, como o judoca Flavio Canto e a nadadora Joana Maranhão. A este respeito, com objetivo de alinhar a prática esportiva e a educação, a instituição investiu sobremaneira em suas instalações desportivas. Afora os atletas nacionais as instalações esportivas recebeu também importantes nomes da natação mundial, como por exemplo o americano Mark Spitz.

A figura 21 mostra este nadador, sendo cumprimentado pelo fundador da instituição, Luís da Gama Filho.

Figura 21 - Nadador Mark Spitz sendo cumprimentado pelo Luís da Gama Filho na piscina olímpica em 1970



Fonte: Rio antigo, 1970.

Na década de 1970, a instituição começou a ser gerida por Pedro Gama Filho, filho do fundador. Em sua gestão a universidade tornou-se uma das instituições de ensino de maior prestígio do Brasil, atingindo 15 mil alunos em seu apogeu e ganhando reconhecimento como a produção de ponta para atletas olímpicos brasileiros em diversos esportes. Esse legado é resultado de uma das grandes personalidades que lutaram pelo desenvolvimento das artes marciais no Brasil. O próprio gestor, Pedro gama Filho que era faixa preta em Judô, Jiu-Jitsu e Karate, além de incentivador para a criação da ONG Reação, do Rio de Janeiro, presidida atualmente por Flávio Canto. Tal ONG atendendo hoje, cerca de 980 crianças, foca no desenvolvimento humano e na inclusão social através do desporto e da educação, promovendo judô desde o iniciante ao mais alto nível do desempenho.

Pedro Gama Filho, durante sua vida profissional na Universidade Gama Filho, comandou diversas atividades esportivas, exerceu a função de diretor de Esportes de Competição, bem como presidente da Confederação Brasileira de Lutas Associadas (CBLA). O reconhecimento nacional e internacional da UGF nesta área muito se deve a sua atuação, uma vez que seu projeto foi presidido por um dos maiores produtos da Seleção Gama Filho de Judô, o atleta Flávio Canto. O judoca após a conquista da medalha ouro em sua categoria os jogos Pan Americanos em 2003, declarou: “O Judô Brasileiro deve muito à Universidade Gama Filho. Desde 1976, a UGF estimula o ensino deste esporte no país.”



Figura 22 - Recepção do judoca Flavio Canto após os jogos Pan Americanos em 2003



Fonte: Judo Rio, 2020.

Os investimentos não aconteciam somente nas categorias citadas acima. A Universidade também apoiava e patrocinava campeonatos de jogo de xadrez, bem como lutas de boxe, conforme a reportagem do Jornal Correio da Manhã (RJ), na imagem abaixo (Figura 23), datada entre os anos 1970 a 1974.



Figura 23 - Reportagem que destaca patrocínio da UGF no boxe brasileiro

ANO 1973 EDIÇÃO 24400 (1)

# Boxe começa a sua reação

TERCIO DE LIMA

Com quatro títulos individuais — três isoladamente e um dividido com o Uruguai — o Brasil terminou o Campeonato Sul-Americano de Boxe, disputado em Montevideú, em igualdade de condições, com o Uruguai e os dois países foram considerados como campeões, para efeito de estatística.

A equipe de 10 paulistas e 1 carioca foi dirigida pelo treinador José Santa Rosa Lopes, da Guanabara, auxiliado por Arlindo de Oliveira, de São Paulo.

Os uruguaios registraram igual número de campeões e até mesmo o título que as duas seleções dividiram — o da categoria dos galos —, atestou o perfeito equilíbrio existente entre as duas escolas de boxe.

Para um esporte que já está sendo considerado como agoni-

zante no Brasil, sem qualquer apoio dos grandes patrocinadores que anos atrás dedicavam as suas principais verbas de publicidade à manutenção de programas de televisão veiculados nos horários mais nobres, até que esse resultado pode ser considerado como surpreendentemente excepcional.

Santa Rosa, diretor técnico da delegação, não esconde que a aplicação dos lutadores e a disciplina que foi observada em um ambiente de compreensão geral tornaram possível o título Sul-Americano de Boxe de 1972.

— Nós podíamos ter feito mais um campeão, o leve Nivaldo Mariano, que chegou a ser divulgado como tal. Mas depois, numa recontagem de pontos, apareceu o argentino José Martínez com 3 vitórias e sem derrota, para ar-

rebatar a medalha de ouro. Nivaldo lutou cinco vezes (duas mais que o argentino) e venceu três, perdendo duas (Santa Rosa).

O veterano treinador carioca, atualmente o único em atividade na Guanabara, já havia conseguido um título sul-americano:

— Foi em 1947, em São Paulo, quando dividi com Valdemar Zumbano e Kid Jofre a responsabilidade de orientar a seleção brasileira. Naquela época o nosso grande campeão era o Ralph Zumbano. Agora, nós temos é que cuidar dos novos ídolos: Deusdeth Vasconcelos (galo), José de Oliveira (meio-médio leveiro), Fernando Martins (meio-médio) e João Mendonça (meio leveiro), para tentar começar tudo de novo. (Santa Rosa).

Natural da Bahia, mas radicado há 40 anos na Guanabara, 37 dos quais, inteiramente dedicados ao boxe, Santa Rosa é uma das figuras mais discutidas do boxe brasileiro. Brigão, polêmico, bom desportista na hora das vitórias, mas considerado como péssimo perdedor, o veterano treinador encara a conquista do sul-americano como a injeção de otimismo que o boxe brasileiro estava precisando para sair da fase estacionária em que foi colocado durante os últimos anos.

— O nosso material humano é de primeira qualidade e só estamos pre-

cisando de um pouco mais de apoio. Aqui na Guanabara, todas as academias de boxe estão fechadas e eu só consigo manter os meus alunos em atividade porque o Professor Pedro Ernesto Gonzaga da Gama está nos dando essa possibilidade. Até mesmo os campeonatos cariocas são patrocinados pela Faculdade Gama Filho. Mas, agora, tudo vai melhorar. Estamos planejando um "Torneio Rio—São Paulo de Boxe Amador" para reativar o esporte. (Santa Rosa).



*O médio leveiro João Mendonça foi um dos que mais agradou o público uruguio*

## Campeonato trouxe otimismo de volta

Fonte: Biblioteca Nacional, 2022.

Diante do exposto, o trânsito intenso de pessoas caracterizou a UGF como uma centralidade, a medida que se transformou em um pólo de atração em grande escala, estabelecendo-se como difusor de ideias, de pontos de serviços e lazer, como agências bancárias, papelarias, livrarias, cinema, etc. Como consequência desse intenso movimento, as pessoas, sejam frequentadores ou vizinhos e moradores do bairro, desenvolveram laços de bem-querência, identitários e sentimentos de pertencimento e orgulho com esse fixo espacial (Santos, 1997).

Nessas circunstâncias, a demanda de alunos e funcionários teve como consequência direta e indireta um giro de capital, crescimento econômico, o desenvolvimento urbano e por fim, alterações promovidas nas paisagens em virtude do funcionamento da Universidade. A partir do impacto que esse aumento produziu na localidade em termos de geração de novos empregos e renda, podia ser percebida nas melhorias realizadas no bairro, tais como iluminação, calçamento e até uma passarela objetivando facilitar o deslocamento dos alunos e funcionários e moradores entre a estação de trem e a universidade e o bairro como um todo.

Sua extensão universitária promovia as interações entre bairros e municípios com uma contribuição dinâmica ao processo de desenvolvimento regional. Segundo Rolim e Kureski (2010, pg. 5):

os gastos realizados pelas universidades com pagamento de professores e funcionários, as compras de material e toda sorte de pagamentos realizados por elas sobre a economia da região em que estão instaladas. Para melhor visualização desses impactos, é possível subdividi-los da seguinte forma: impactos sobre as famílias (acréscimos de renda em decorrência de pagamentos diversos e dos efeitos multiplicadores decorrentes); impacto sobre os governos locais (aumento da arrecadação, mas também maior demanda sobre bens públicos de infraestrutura); impacto sobre as empresas locais (aumento da demanda, mas também concorrência no mercado de compra de fatores de produção).

O índice de emprego cresceu especialmente em atividades administrativas e aquelas relacionadas, direta ou indiretamente com a faculdade, como bares, lanchonetes, copiadoras, papelarias e repúblicas, aumentando o fluxo de capital da área em questão. Tais encontros e sua infraestrutura convergiam as áreas do entorno, acentuando sua abrangência no perímetro destacado, pois a mesma concentrava em seu *campus* agência bancária, cinema, teatro, bares e lanchonete, além de oferecer segurança a quem transitasse pelas redondezas, uma vez que o número de pessoas que utilizavam o seu espaço mantinha o local sempre seguro.

A Gama Filho tornou-se então um lugar central, uma vez que recebia alunos oriundos de outros municípios e mesmo outros estados. Toda essa dinâmica modificou a paisagem à medida que grupos sociais interagiam no local, devido ao alto índice de frequentadores e usuários e de sua concentração de serviços disponíveis.

O deslocamento em direção a UGF aumentou a fluidez dos serviços internos, assim como o consumo no comércio e serviços locais, intensificando a demanda do bairro. Além disso, muitos estudantes transferiram sua moradia, ainda que temporária, para Piedade, fortalecendo o comércio imobiliário. Essa injeção de capital relativo ao consumo acresceu o fluxo de renda no bairro. Conforme relato do ex-estudante Leonardo Teixeira:

A Gama Filho movimentava muito o bairro de Piedade, com o movimento que a universidade proporcionava ali nos dava mais segurança no dia-a-dia. Tinha o Amarelinho, tinha a Igrejinha, tinha o Portuga, tinha o Inferninho, tinha o China na frente da faculdade e tinha uma barraquinha maravilhosa que era onde tomávamos café da manhã que se encontrava nos fundos da faculdade. Na época da universidade o bairro era melhor desenvolvido. Possuía segurança local. Havia negócios em funcionamento ao redor da instituição, além da própria universidade apresentar uma espécie de minishoping em seu pátio de acesso (praça de alimentação). A universidade também possuía programas sociais como escritório jurídico, que dava acesso à população para processos gratuitos contra terceiros e serviços clínicos (geral e odontológico) para a população. Entendia que tudo girava em torno da UGF.

Devido a diversificada oferta no setor de comércio, Piedade abrigou restaurantes da franquia Mc Donalds, e Subway, uma autoescola, fotocopiadoras, bares, estacionamentos, além de inúmeras lanchonetes de pequeno porte que se sustentavam pelo público da universidade, como se pode observar na imagem 24.

Figura 24 – Comércio na Rua Manuel Vitorino



Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

Neste contexto, uma instituição educacional com o porte mencionado impulsionou o desenvolvimento, pois além de suas funções tradicionais de ensino como a formação profissional e a promoção de pesquisas, permitiu transferência de tecnologia, difusão de inovação, promovendo um expressivo fluxo de capital, tanto humano, quanto monetário. Em uma entrevista concedida a revista Universidade Gama Filho, em 3 de julho 2001(pg. 50), Carlos Antônio Lopes Pereira, o então vice-reitor, aponta:

há várias instituições, mas é indiscutível a tradição que a Universidade Gama Filho tem, não só na cidade do Rio de Janeiro, como no país. A busca pela Gama Filho decorre da tradição, da credibilidade, da seriedade que a instituição passa e daquilo que ela tem.

Um dos pontos de destaque que mostra a importância fundamental exercida pela Universidade Gama Filho no bairro aconteceu quando a estação de trem acrescentou o nome da Universidade ao seu (Figura 25) aumentando o fluxo de pessoas, nos principais horários do dia



e da noite, bem como uma passarela que ligava os dois lados do bairro, dividido pela ferrovia, que facilitava o acesso e o deslocamento das pessoas seja para universidade, que entrou em desuso após o fechamento da mesma.

Figura 25 – Placa identificando o bairro e a Universidade



Fonte: Apontador, 2022.

A Universidade Gama Filho tinha um nome reconhecido e prestígio dentre as instituições privadas de ensino superior do estado do Rio de Janeiro, atingindo esse *status* no início da década de 1980, com notoriedade promovido pela oferta de ensino de qualidade, em um período de pouca concorrência no ramo de ensino superior, segundo entrevista do vice-reitor acadêmico Carlos Pereira (2001, pg.11):

Geograficamente, eles [alunos] se espalham pela cidade do Rio de Janeiro. Temos também muitos alunos de fora da cidade — de Petrópolis e Teresópolis — e de outros estados, como Minas e Bahia. A Universidade Gama Filho, ao longo desse tempo todo, construiu um certo nome e tem uma certa tradição. Quando estávamos começando as discussões para montar o planejamento estratégico, eu levantava essa questão: “Por que se diz que a Gama Filho tem nome?” Hoje estou convencido de que ela tem nome, de que ela construiu uma base interessante, e o importante agora é preservar isso, apesar das dificuldades pelas quais estamos passando. Antigamente você tinha duas universidades privadas no Rio de Janeiro: a PUC e a Gama Filho.

Com objetivo de revelar e traduzir os laços forjados na trajetória relatada nos parágrafos anteriores, costurando um pequeno retalho na enorme colcha de memórias que compõem cada indivíduo que fez parte dessa trajetória o capítulo a seguir visa descortinar as emoções tecidas na Universidade Gama Filho.

## 2 PAISAGEM - O ÁPICE DO EMOCIONAL

A paisagem se configura na medida em que a observação do indivíduo acontece, ou seja, cada pessoa captará uma imagem distinta, carregada de sentimentos e sensações. Partindo dessa premissa, a paisagem emocional funciona quando a memória retém as sensações produzidas e vividas no ambiente, somados aos seus conhecimentos, nas relações forjadas no local que se estabelece entre o sujeito indagativo e o objeto inerte. Besse afirma (2014, pg.48):

A paisagem é o quadro ou, melhor dizendo, o nome que seria dado a uma intensificação particular da vida psíquica em momento e lugar determinados. E, na verdade, dizer nesse caso “a paisagem”, já é dizer demais, é perder o próprio momento do “há paisagem” que nos arrebatava e nos transporta.

A Universidade funcionava em período integral e movimentava em torno de 2000 mil pessoas por dia, entre alunos, funcionários e professores e o seu entorno era projetado para que suas atividades fossem executadas de modo acessível, de maneira que um movimento intenso de pessoas, materiais e ideias se apresentassem de forma fluida. Tal relação é harmônica, similar a uma interação ecológica, onde estabelecimentos que forneciam atividades relacionadas ao funcionamento da UGF provocavam um caos positivo. Sua operação, semelhante ao conceito da biologia de comensalismo, onde uma espécie se beneficia de outra para obter algum recurso desempenhava e promovia o trânsito de pessoas, de capital, de recursos e de relações (<https://www.todamateria.com.br/comensalismo/> acessado em 26 de setembro de 2022).

O resultado das ações supracitadas gerava um sentimento característico em cada pessoa que teve contato com esse cotidiano costumeiro e habitual que, de tão frequente, imprimiu uma paisagem pessoal na memória daqueles que tiveram vivência na Universidade quando a mesma estava em pleno vapor. Este evento fascinante é só um retalho na enorme colcha de memórias que compunha o funcionamento da instituição. A captura das imagens guardadas na memória conecta a pessoa ao lugar imprimindo uma carga emocional e simbólica a essas paisagens individuais e coletivas. Mesmo após o encerramento das atividades na UGF que logrou uma paisagem melancólica, vazia, arruinada, essas imagens arquivadas na memória das pessoas podem ser acessadas a todo e qualquer momento visando alinhar uma realidade de perda com um sentimento que remete a uma experiência afetiva. Segundo Besse (2014, pg.33):

A paisagem não é, portanto, um simples conjunto de espaços organizados coletivamente pelos homens. É também uma sucessão de rastros, de pegadas que se

superpõem no solo e constituem, por assim dizer, sua espessura tanto simbólica quanto material. A paisagem também é um lugar de memória [...]

Nesse sentido, foi realizado uma pesquisa empírica, através de um questionário direcionado a pessoas que tiveram algum vínculo com a Universidade Gama Filho, bem como alunos, professores, ou frequentadores que usufruíam de algum tipo de serviço e/ou atividade e que de alguma forma experienciaram os desdobramentos do fechamento da unidade educacional. Essa coleta de dados, transformou-se em uma rica pesquisa de campo, e através dela, entendemos por meio de uma escala, a comprovação prática e substancial de como os frequentadores se sentiram e o quão foram afetados.

Essas cenas situadas no pretérito são as verdadeiras protagonistas da paisagem emocional, intimistas e reveladoras, e que não fazem questão de esconder ou maquiar o efeito devastador do colapso da unidade educacional. Se o fim da Universidade não tivesse sido triste e pesaroso, tais paisagens não seriam imortalizadas na memória dos indivíduos e grupos sociais. Besse afirma (2014, pg.47)

a paisagem pode, então, ser compreendida e definida como o acontecimento do encontro concreto entre o homem e o mundo que o cerca. A paisagem é nesse caso, antes de tudo, uma experiência. Mas no sentido geral, essa experiência paisagística ou, melhor dizendo, essa paisagem que se apresenta como experiência só remete, para o ser humano, a certa maneira de estar no mundo e ser atravessado por ele.

Todo esse trânsito de pessoas proporcionou concepções distintas de paisagem. Segundo Besse (2014), em seu livro *O Gosto do Mundo: Exercícios da Paisagem*, a paisagem acontece à medida que o fluxo natural de um determinado local se cumpre nos arrebatando e transportando a partir das nossas experiências. “E, na verdade, dizer nesse caso “a paisagem”, já é dizer demais, é perder o próprio momento do “há paisagem” que nos arrebatava e nos transporta” (Besse, 2014, pg. 25). A assistência de serviços bem como a sensação de estar em casa, o zelo e o cuidado, permitiu que os moradores e frequentadores se sentissem emocionalmente assistidos ao seu redor. Com base nas entrevistas realizadas, a paisagem, na época do funcionamento da Universidade, era resplandecente e afetiva, em tons claros, despertava nos indivíduos dos arredores uma sensação de segurança, abrigo e permanência, sendo atribuído de valores, simbologia e sentidos, a permanência era quase que requerida. Corroborando com Mello (2008, pg.01):

os lugares/símbolos são entes queridos ou merecedores de considerações especiais. Tais envolvimentos, que despontam com a experiência, a confiança e a afeição, denotam intimidade, na acepção da palavra a qualidade do “que está muito dentro” ou o “que atua no interior”, como apontam os dicionários.

Como resultado do bem-estar social provocado pelas instalações da Universidade, o grupo social produz, reproduz e transforma a paisagem em diferentes moldes. Depoimentos obtidos até o momento através de entrevistas com moradores do bairro Piedade e com antigos estudantes e funcionários da UGF, relataram o grau de sentimento e comoção, além do orgulho de ter participado da composição do corpo universitário. A ex-estudante Carla Cristina Machado Esteves, que se formou em odontologia em 1987, afirma:

Eu cursei Odontologia de 1984.1 a 1987.2. Eu sempre tive muito orgulho da instituição e do aprendizado que recebia durante a minha graduação. Minha turma foi a terceira de Odontologia a se formar. Fiz um curso maravilhoso, com uma maravilhosa infraestrutura, com prédios e salas novíssimos, laboratórios e anatômicos bem equipados, clínica odontológica com tudo o que tínhamos direito e com os mais renomados professores chefes de cadeira da época (a maioria também ensinava nas universidades públicas). Tinha acesso à uma grande biblioteca (estudávamos em livros de papel), com conforto e um vasto acervo. Minha turma é unida até hoje e dela, temos conceituados professores e profissionais. Tive e tenho muito orgulho em ter estudado na UGF. Como entrei muito cedo para a universidade (16 anos), na época era um pouco inibida e inexperiente. Eu morava em Copacabana e ia para a universidade de ônibus e trem, o Deodoro Parador. Descia a passarela e a poucos metros estava o prédio da Odontologia que funcionava numa rua transversal à rua principal. Lanchávamos e almoçávamos normalmente naquela pequena rua, uma subida. Lá tinham lanchonetes até pela existência na mesma rua do Hospital Piedade, também ligado à UGF. Também tinham cantinas nos blocos mais antigos da Universidade. Meu curso era no período integral, e em função disso, nunca circulei pelo bairro. Até hoje, não conheço Piedade. A minha referência, sem dúvida era a estação de trem (o fluxo de estudantes ali era imenso, em todos os períodos do dia). O entorno era cheio de vida. Dentro da própria universidade tínhamos tudo o que precisávamos. No grande térreo coberto tinham cantinas, papelaria, livraria, pequenas lojinhas. Além do entorno próximo que descrevi a imagem que tenho da Universidade Gama Filho, é como algo monumental, foi um verdadeiro império.

Em virtude disso, a partir do afeto existente na relação entre os indivíduos e grupo com a Universidade Gama Filho a passagem de Piedade é descrita e apreendida através da imaginação e da relação obtida por meio dos sentidos com o objeto delimitado para pesquisa. Mello (2008, pg.02) aponta:

um outro traço extraordinário de afeição/identificação diz respeito ao “habitué” de um lugar apropriando-se simbolicamente dos artefatos de diferentes portes e esferas, pois mesmo a destruição de um velho e querido prédio, localizado em um logradouro acolá, pode causar aqui ou descontentamento e nostalgia, por ser parte ‘integrante do acervo de um indivíduo, porquanto impregnado pela força do sentimento, da experiência, do reconhecimento e da sensação de pertencimento.

Durante a trajetória da UGF, a paisagem do bairro ficou marcada como próspera vigorosa e preenchida de vivacidade. Antes era um bairro considerado universitário, com aglomerações durante os turnos do dia e da noite. Todavia atualmente o bairro apresenta características contrárias. A falta do movimento intenso de pessoas visto anteriormente causa melancolia aos moradores. Hoje, as plantas dominam as galerias e corredores, as pichações na infraestrutura e o abandono do local causam tristeza e descontentamento, conforme relatos

obtidos através de entrevistas e reportagens, como por exemplo, a fala da moradora Luana Cristina Messias:

Ali existiam vários comércios que atendiam não só os moradores e os universitários que estudavam na faculdade, como as pessoas dos bairros próximos. Inclusive o teatro, com as atividades culturais nos fins de semana. E hoje em dia a gente não tem mais nada funcionando.

As pessoas que circulavam pelas dependências da instituição tinham uma visão familiar e acolhedora. A paisagem, para além de suas características morfológicas, insere-se também no mundo dos significados estando impregnada de simbolismo e de agentes culturais. Sob influência cultural do grupo social inserido, quais sejam frequentadores da Universidade e moradores do bairro, a paisagem sofreu modificações a partir dos elementos que são fornecidos, sendo remodelada, apresentando expressões culturais individuais e cenas distintas. Nesse nicho espacial se vê a conjunção do fenômeno com os componentes paisagísticos. Isso fica claro para Furlanetto (2017, p. 55 e pg. 56):

A paisagem é percebida de maneira ímpar por cada sujeito, ou seja, existem várias possibilidades diferentes e simultâneas de apreender a paisagem. A abordagem emocional contempla a complexidade e subjetividade das paisagens criadas pelos homens, individual e coletivamente, possibilitando a escuta geográfica das paisagens sonoras moduladas pelas tonalidades afetivas da alma humana.

A paisagem não reside apenas em uma pessoa, não é dado concreto ou material, é resultado de interações e relações que coexistem em um determinado meio, habitado por grupos sociais que alteram e modificam o ambiente, fazendo com que esta se sobressaia e se apresente de forma distinta para cada um. Sendo assim, a geografia humanista cultural nos permite a possibilidade de identificar inúmeras imagens em um único cenário e entender como acontece seu movimento, formação e atividade. Ainda segundo Furlanetto (2017, pg.60)

A paisagem é multissensorial, possui formas, cores, sons, odores, texturas e sabores que são experienciados única e particularmente por cada pessoa. Portanto a paisagem pode ser percebida de diferentes maneiras, o que revela sua complexidade e dinamismo.

As paisagens com características individuais são resultado de experiências e pensamentos latentes traduzidos em formas visíveis que em seu desenvolvimento e extensão lhe conferem sentidos únicos. Além disso, o empenho de sua tradução reflete o esforço de grupos e gerações em codificando sinais captados visualmente das paisagens, a medida que o real é projetado e imaginado. Isso pode ser traduzido nas relações obtidas nas dependências da Universidade, como podemos perceber através dos relatos dos antigos frequentadores da instituição. Vale ressaltar, cada pessoa e/ou grupo social de um determinado local reproduz sua



história através da paisagem e que a mesma reflete as informações contidas nela. Corroborando com Besse (2014, p.58):

[...] o recurso à paisagem reflete a conscientização do fato de que o espaço não é uma página em branco [...] mas confronta a ação a um conjunto mais ou menos denso de marcas de pegadas, de dobras e de resistências que a ação deve levar em conta. Os locais têm memória, por assim dizer.

Em prosseguimento ao estudo, iremos abordar as configurações de paisagem apresentadas através da ótica dos observadores diretos e indiretos, aqueles que tiveram vínculo imediato e ininterrupto, além daqueles que contemplaram o desempenho das atividades realizadas até o encerramento destas, enfatizando aos discursos e depoimentos dos moradores do bairro e pessoas do entorno que receberam de forma insatisfatória a paisagem morta da unidade educacional, como resultado da falência.

Em quase toda sua existência a UGF foi gerida e controlada pela família fundadora, a família Gama Filho. No entanto, em fins de 2011, sua gestão foi transferida para o Grupo Galileo Educacional, mantenedora que partir desse momento se tornou responsável pelo funcionamento da instituição, disponibilizando recursos financeiros para a infraestrutura, manutenção, avaliação e desenvolvimento da pedagogia aplicada. A gestão do grupo Galileo teve nítidas irregularidades, desde o início da transferência da UGF, tais como sonegação de impostos, desvios de dinheiro, pagamento de propina, distribuição ilegal de lucros, dívidas trabalhistas, tributárias e com fornecedores. De acordo com a reportagem realizada pelo jornal O Globo, publicada em 14 de agosto de 2013: Todo esse cenário se estendeu até janeiro de 2014, quando a Universidade Gama Filho descredenciada pelo Ministério da Educação, sendo obrigada a encerrar suas atividades e decretar falência.

Sua trajetória vitoriosa foi interrompida por uma gestão ineficiente, inábil e corrupta prejudicando o seguimento de sua história. Após todo esse revés, novas paisagens se originaram a partir do declínio ficando marcadas no imaginário das pessoas que se relacionaram com a unidade educacional. O resultado das relações provocou concepções distintas de cenários, percepção obtida através dos depoimentos dos frequentadores da instituição, que mesmo fechada e abandonada, ainda é capaz de provocar diferentes sensações causando emoções diversificadas.

Nesse sentido, baseado ainda nos depoimentos levantados, percebemos que para os frequentadores da Universidade Gama Filho, a paisagem se apresentava de forma positiva traduzida como terna e acolhedora, com aquele cheiro agradável, similar a um incenso aceso na varanda e o florescimento de um jardim na primavera. As imagens guardadas na memória se acumulavam e se entrelaçavam em um ritmo harmonioso similar a uma velha canção. A carga sentimental análoga à segunda casa pode ser confirmada consoante ao relato do ex-estudante Jorge Barilli:

Eu era um estudante do Colégio Gama Filho, e minha irmã mais velha cursava Ciências Biológicas na universidade. O espaço do campus funcionava como área de lazer e estudo para todos do colégio. Ficávamos até o anoitecer nas dependências na universidade. Alguns faziam esportes (eu nadava todos os dias), outros aproveitávamos espaços livres e seguros para todo tipo de socialização. Recordo-me que tínhamos muita liberdade na Universidade e visitávamos com guias o anatômico, os laboratórios. Tinha o cinema Dina Sfat e as sextas, os alunos do colégio pagavam R\$2,00 no ingresso. Sempre tinha um jogo oficial de Handball ou um campeonato de luta para assistir. A Gama Filho teve esse papel fundamental no desenvolvimento de meu repertório cultural e social, mas não pelo direcionamento, mas pela oportunidade e liberdade para a curiosidade. Em 2005 os alunos do colégio criaram voluntaria e espontaneamente um musical sobre o Gonzaguinha que ficou primoroso, e eu estava na produção dos alunos responsáveis por contatar o setor administrativo da universidade para conseguirmos o teatro. Foi tudo muito fácil e todos na Universidade ajudaram muito, já que éramos todos alunos do ensino básico na produção. Tenho um imenso orgulho dessa história!

As paisagens fruto de conjunto de artefatos culturais modela e humaniza de modo a unificá-la afetivamente. A Universidade Gama Filho enquanto marca da paisagem em Piedade, em virtude da variabilidade e dependência dos valores, dos elementos subjetivos, da experiência e da cultura agregados e absorvidos trazem a mensagem de que a paisagem é terna, afável e fraterna. (Berque, 2012, pg. 239), ao associar e interpretar o conceito de paisagem tendo a unidade educacional como foco, expõe e narra por meio de cenas captadas pelos moradores, assim como os frequentadores da universidade, imagens familiares que causam conforto e segurança, além de ser luminoso e harmônico, durante o período de funcionamento. Não obstante, além de conceber inúmeras paisagens, identificamos uma paisagem simbólica, pois há convergência de culturas e conflito de pessoas. Apesar das paisagens se apresentarem de formas similares aos que tiveram relações com a mesma, fica nítido que quando duas ou mais pessoas olham para a mesma cena, estas observam episódios e realidades diferentes, pois operam sob estímulos díspares (Meinig, 2003, pg.11). Como aponta Cosgrove (1985, pg. 223):

A paisagem sempre esteve ligada, na geografia humana, com a cultura, com a ideia de formas visíveis sobre a superfície da Terra e com a sua composição. A paisagem, de fato, é uma maneira de ver, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma “cena”, uma unidade visual.

Toda conjuntura relatada acima, mostra a importância da instituição para o bairro e como a estrutura educacional se tornou um símbolo para Piedade. Nesse sentido, se faz necessário entender como o efeito causado pelos seus significados adotados e como a cultura provoca diferentes paisagens e diferentes modos de ver. Por possuir atributos significativos e representações construídas e internalizadas, a Universidade Gama Filho, considerada uma forma simbólica espacial, tem sua simbologia absorvida e repassada de forma individual e coletiva e ressignificadas até o presente. Mesmo que não exista mais fisicamente no espaço, ainda é utilizada como ponto de referência aos transeuntes, sendo subordinada a diferentes leituras, conforme depoimento do ex-estudante Leandro Quintas: “Era um bairro alegre, cheio de jovens e comércio muito variado! Lembro-me do amarelinho que era um bar frequentado pelos alunos, e que o bairro girava muito em torno da universidade, referência era a universidade”.

Local de ensino e de formação de ideias, seu objetivo inicial ultrapassava seus muros, pois na proporção que era experienciada, adquiria definição e isso fazia com que dominasse a área circunvizinha e remodelasse os arredores, de forma a impactar positivamente através do desenvolvimento do bairro por causa da manutenção do fluxo de pessoas e serviços. Assim, a paisagem da Gama Filho é uma paisagem simbólica porque é produto da apropriação e da transformação do meio ambiente pelo homem. Mello (2005, p.3) ao tratar sobre o assunto, afirma que:

Símbolos afloram no contato direto, transmitidos por pessoas ou diversos canais de expressão, sendo alguns apenas cultuados nos sonhos. De toda sorte, são eles permanentes, transitórios ou imorredouros, mesmo se pulverizadas as suas formas materiais. Contudo, persistem sendo construídos ou, em alguns casos, esquecidos pelos indivíduos ou a coletividade nos mais diversos espaços e lugares.

A perspectiva humanista cultural nos permite reproduzir por meio de ordens e formas singulares mapeadas de modo coerente a partir de nossas experiências, uma expressão humana intensificada de muitas camadas de significados. As marcas deixadas em tempos passados e que dialogam com o tempo atual acaba por valorizar tais paisagens uma vez que elas podem ser lidas como rugosidades no espaço (Santos, 1997).

De toda maneira, a apreensão das paisagens por meio do prédio não mais existente funcionou como reprodução das ações e das reflexões das práticas humanas ali estabelecidas nas mais diversas escalas e esferas. A interpretação da paisagem imprime cenas afáveis,

simbólicas e com estoque de boas experiências, um cenário de interações se apresentando de forma diferente a partir de cada olhar, pois a cultura, nosso estoque de conhecimento, nossas vivências funcionam como fatores essenciais de diferenciação social e por meio dela cada indivíduo e/ou grupo social fundamentalmente terá uma bagagem individual (Meinig, 2003, pg.07). Trazendo em sua essência a marca da cultura que lhe serve de ponto irradiante, provoca continuamente uma interpretação imprecisa e dúbia, conferindo a paisagem formas heterogêneas, com multifaces que confortam ou não o olhar do observador. “A compreensão da paisagem cultural em sua dimensão material e imaterial contempla as relações recíprocas entre o homem e o meio, o que significa dizer que a paisagem é produto e produtora de cultura” (Furlanetto, 2017, pg. 60).

Dito isto, verificamos que o peso da cultura e de seu conjunto de ideias se torna um agente modificador de conceitos, decisivo na análise do campo das ciências humanas. Sua contribuição no sentido da vida traz a tona aspectos importantes no meio sociocultural, provocando interpretações fascinantes das sutilezas da paisagem e de suas estruturas. Estruturas que são pautadas e construídas à medida que um grupo social se apodera e domina o local exercendo de forma direta e indireta suas ideias, seus juízos e valores, que se tornarão mais a frente regras principais a serem seguidas e executadas. (Claval, 2012, pg.245)

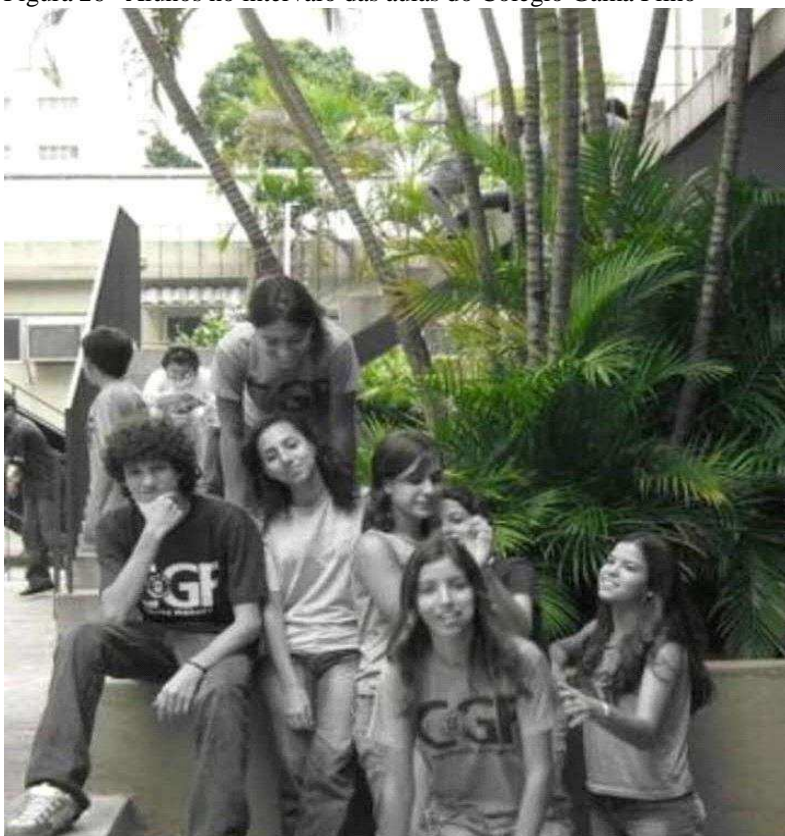
Neste contexto a dissertação busca mostrar como os grupos sociais produzem símbolos que são continuamente repetidos, tornando um padrão local na paisagem e que estes serão recebidos de forma singular, produzindo cenas que também serão singulares conforme as diversas experiências de vidas e simbologias. O projeto arquitetônico que se fixou no bairro e se popularizou no decorrer do curso natural de seu funcionamento, promoveu nas pessoas um símbolo e uma marca eternizada na memória (Berque, ano). Nesse sentido, Mello (2012, pg. 39) apontava:

Por símbolo entende-se a parte representativa do todo (TUAN, 1980). O habitué de um lugar se apropria, simbolicamente, dos logradouros, dos prédios e dos artefatos expostos pelo equipamento urbanístico. A destruição ou mutilação de qualquer objeto geográfico causa ressentimentos e protestos, pois afeta as pessoas e suas relações [...] não existem marcas e signos em si, mas “somente em virtude do significado que um ser humano ou grupos” lhes atribuem. Essa questão de posse, defesa e significado remonta a noção fenomenológica do mundo vivido, contemplando indissociavelmente os pertences privados ou públicos, parentes, amigos, turistas e a base territorial intrinsecamente imbricados e fazendo parte do acervo íntimo do indivíduo ou grupo social.

Neste diapasão, o ambiente educacional trabalhando como receptor e emissor de ideias e conceitos, de certa forma, ainda que indiretamente ou mesmo sem pretensão, produziu um raio de identidade local, afora ser um local de convivência e coletividade. Toda essa

sequênciaritmada de passos e movimentos estimulada pelo exercício de suas atividades tem como resultado a permanência das pessoas no local somando-se a isso as práticas habituais no espaço coletivo, despertando a sensação de apego, pertencimento, bem-estar e identidade, como mostraas imagens abaixo. (Seamon, 1980, pg. 148).

Figura 26 - Alunos no intervalo das aulas do Colégio Gama Filho



Fonte: Arquivo pessoal do ex-aluno Henrique Pinto - Fevereiro de 1998.

Figura 27 - Alunos no intervalo das aulas do Colégio Gama Filho



Fonte: Arquivo Pessoal do ex-aluno Henrique Pinto - Outubro de 1999.

Figura 28 - Alunos interagindo entre as aulas do Colégio Gama Filho



Fonte: Arquivo Pessoal do ex-aluno Leandro Quintas



Figura 29 – Dependências da Gama Filho na década de 90



Fonte: Arquivo Pessoal do ex-aluno Leandro Quintas - Março de 1993

Seu declínio e esfacelamento foram acompanhados pelos frequentadores, alunos, professores e funcionários com surpresa e tristeza, em virtude de sua magnitude. Embora muitos não acreditassem em seu fechamento de fato, este foi tomando forma, sob espanto e assombro, conforme o relato do ex-aluno Fabiano Albuquerque:

Foi um sentimento de surpresa, com certeza. São muitos edifícios, que já possuiu diversos campi, que tem um nome marcado na história olímpica. A Universidade havia alcançado um lugar que poucas instituições privadas de ensino superior haviam atingido. O Colégio Gama Filho chegou a ser considerado a 15ª melhor escola privada do Rio de Janeiro nos anos 2000, em um ranking elaborado pela revista Veja. Praticamente a única escola da Zona Norte em meio ao domínio da Zona Sul e Barra da Tijuca. Diante desse enorme patrimônio, assistir a sua ruína administrativa e, de certa forma, familiar, foi uma surpresa. Como um amigo, que se graduou lá, disse: “o abandono do saber significa o avanço da ignorância.” Então, foi como se uma parte do meu passado tivesse sido apagada.

A seguir, continuaremos discorrendo sobre as paisagens forjadas a partir do encerramento das atividades da Universidade Gama Filho e como estas corroboram para o sentimento majoritariamente despertado da população do entorno, qual seja o medo. (Tuan, 2006).

### 3 DENTRE AS PAISAGENS, A DO MEDO

A Universidade Gama Filho foi uma das maiores instituições privadas de ensino superior do estado do Rio de Janeiro entre a década de 1970 e o ano de 2010, sendo gerida pela família Gama. No ano de 2011, a gestão da Universidade passou para o Grupo Galileo Educacional, que também adquiriu o Centro Universitário da Cidade (UniverCidade), que também encerrou suas atividades no ano de 2014. Como já explicado anteriormente, por conta de uma série de irregularidades, a UGF encerrou suas atividades no ano de 2014. Aproximadamente 8 mil alunos que ainda estudavam na Gama Filho tiveram seus estudos interrompidos, e mais de 1.500 professores e funcionários perderam seus empregos. O bairro de Piedade, sede da Universidade Gama Filho, foi paulatinamente sendo abandonado, gerando prejuízos financeiros, além da insegurança por conta da falta de fluxo de pessoas. A falência da UGF, resultado de uma série de problemas administrativos, financeiros e má gestão, provocou a queda de uma instituição com décadas de vida e prestígio, além de impactar negativamente o crescimento do bairro. (Damasceno, 2019).

Diante deste quadro, o desmantelamento da Gama Filho começa já a partir de 2011, com o fechamento de suas outras unidades, a lembrar: o *campus* Centro-Candelária e o *campus* Barra-Downtown. Com isto, cerca de 600 professores e funcionários foram desligados de suas funções. No ano seguinte, em 2012, novas demissões no quadro de funcionários foram realizadas, além da eclosão de diversas greves de professores e estudantes devido aos atrasos de salários. No fim deste mesmo ano, como já mencionado, o Ministério da Educação (MEC) instaurou um processo de supervisão na instituição, motivado pelas denúncias de irregularidades recebidas, insuficiência acadêmica, problemas financeiros e desvios de verbas. Houve um agravamento da crise no ano de 2013, com ocupação dos alunos na Reitoria da Gama Filho, manifestações na Candelária, suspensão do fornecimento de água, luz, segurança e limpeza, impedindo o funcionamento da instituição.

Figura 30- Alunos da UGF realizando manifesto contra o descredenciamento pelo Mec



Fonte: Vermelho.org, 2014.

Com a reitoria ocupada pelos alunos e apoiado pelos professores, que exigiam o pagamento dos salários atrasados, o acompanhamento da gestão financeira e a melhoria na qualidade do ensino, se iniciou uma greve que perdurou por um tempo considerável, atrapalhando o andamento do segundo semestre de 2013, tendo as aulas retomadas apenas em outubro daquele ano. Mesmo pós ser estabelecida uma comissão de acompanhamento da situação e apontar medidas que pudessem preservar e manter a universidade não logrou sucesso e o MEC suspendeu o vestibular da Gama Filho, impedindo a entrada de novos alunos. Com um déficit de 25% do seu corpo docente, a Universidade assinou um termo com o MEC onde se comprometia realizar algumas ações para melhoria da instituição. Porém, sem conseguir cumprir as exigências firmadas no acordo, ocorreu nova suspensão do vestibular da Gama Filho, contratos para financiamento estudantil, o FIES, e as bolsas do Prouni.

A situação caótica da Universidade resultou no ano de 2012 em uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) na Assembleia Legislativa Estadual do Rio de Janeiro (ALERJ) sob resolução nº 522/2012. A criação da Comissão Parlamentar de Inquérito foi requerida pelo deputado Paulo Ramos com base em denúncias recebidas do Sindicato dos Professores do Município do Rio de Janeiro (SINPRO/RIO), do Sindicato dos Auxiliares de Administração

Escolar, do SINMED/RIO – Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro e de alunos, que eram contra as medidas arbitrárias praticadas pela maioria das universidades privadas do Rio de Janeiro.

Tal CPI era destinada a apurar as denúncias relativas à gestão fraudulenta, enriquecimento ilícito, desvio de recursos públicos, apropriação indébita, lavagem de dinheiro, propaganda enganosa, precarização das relações de trabalho, inclusive com assédio moral, a extinção arbitrária de conselhos universitários, a manipulação e repressão às representações de professores, alunos e outros servidores, a criação de monopólios e a deterioração da qualidade do ensino nas entidades particulares de ensino superior.

Adentrando aos vastos motivos que findaram as atividades do pólo educacional e que levaram ao colapso e fechamento da universidade, de acordo com a CPI, foram à incorporação da Universidade Gama Filho (UGF) e UniverCidade por um grupo de investidores (Galileo); e a Fusão do Centro Universitário da Cidade e da Universidade Gama Filho; a entrada de Grupos Educacionais de outras regiões, particularmente na EAD, bem como convênios entre Filantrópicas e Instituições com fins lucrativos.

De acordo com o resultado da CPI um dos motivos principais que levou o encerramento das atividades da UGF foi justo a sua aquisição e incorporação ao grupo Galileo Educacional. Vale destacar, as aquisições e fusões empresariais no setor educacional superior privado brasileiro movimentaram bilhões de reais. No ano de 2011, ocorreram mais de 27 aquisições no Brasil, e o grupo Galileo Educacional ilustrou bem esse processo da presença privada no ensino superior, atuando a partir de subsidiárias. Através da instauração da CPI em questão, o Sr. Marcio André Mendes Costa, ex-presidente do Grupo Galileo Educacional, foi denunciado por apropriação indébita de recursos dos docentes da UGF nas Fusões de Instituições Privadas de Ensino Superior sem a autorização do MEC. Além do crime de apropriação indébita (art. 168 do CP), o Sr. Márcio André Mendes Costa foi também responsabilizado pelos crimes de formação de quadrilha (art. 288 do CP), juntamente com os demais controladores à época, estelionato (art. 171 do CP), enriquecimento ilícito, desvio de recursos públicos e possível lavagem de dinheiro.

Nestas circunstâncias, os estudantes, organizados na União Estadual dos Estudantes (UEE-RJ) tiveram papel fundamental nos desdobramentos da comissão, uma vez que acompanharam de perto todo o trabalho da CPI, fornecendo dados e colaborando com as investigações. Depuseram estudantes da Universidade Candido Mendes (UCAM), da

Sociedade Unificada de Ensino Superior e Cultura (SUESC), e da UGF. Entre os cursos, o Centro Acadêmico de Medicina da UGF se mostrou especialmente atuante, visto que os alunos estavam bastante prejudicados sem as aulas práticas. A mobilização estudantil foi vista em grandes atos na escadaria da Alerj sendo fundamental para a repercussão e o sucesso dessa Comissão Parlamentar.

A crise que envolveu as dívidas trabalhistas e a falta de aulas ocasionou um distanciamento dos estudantes e pais de alunos ficaram sem acesso e espaços para recorrer das decisões ou ao menos obterem informações. O depoimento abaixo da aluna de arquitetura e urbanismo de Gabriela Ventapena, 23 anos, transmite o descaso das IES com os alunos (Jornal EXTRA,03/03/2013, página 32):

“Depois que o Grupo Galileo assumiu ninguém tinha informações sobre questões financeiras. Tudo é um quebra-cabeça que nós, alunos, temos que montar. Estudávamos num campus no shopping Downtown, na Barra, que foi fechado, pelo que soubemos, por falta de pagamento de aluguel. Depois, disseram que o curso funcionaria no prédio do Colégio Gama e Souza, e Olaria, mas a transferência foi cancelada às vésperas de começarem as aulas, porque não havia estrutura para o curso. Só na quinta-feira recebemos um e-mail informando que fomos transferidos para a unidade de Piedade. Há questões graves a serem resolvidas em todos os cursos. É quase um colapso da educação”.

Diante deste panorama, em janeiro de 2014, o MEC optou pelo descredenciamento da instituição, com o objetivo de preservar o interesse dos estudantes e da sociedade por uma educação de qualidade. Os cerca 8 mil alunos que ainda estudavam na instituição descredenciadas foram realocados em outras universidades particulares que aceitaram recebê-los através de um processo denominado transferência assistida. Após mais de meio século de abertura, a Universidade Gama Filho encerrou suas atividades, causando impactos negativos para o bairro, pois sua falência como já dito anteriormente, modificou o bairro de Piedade, provocando esvaziamento e o fechamento dos comércios locais que sobreviviam do intenso fluxo da instituição.

O cenário atual não difere do relatado acima. Hodiernamente, as áreas no entorno da Universidade apresentam aumento na criminalidade, fechamento de estabelecimentos diversos e queda de até 70% do faturamento. No que tange a criminalidade, eu, enquanto moradora antiga, percebi desde o fechamento da unidade de ensino a mudança de *status* de um lugar luminoso, repleto e alegre para uma localidade escura e esvaziada, facilitando o avanço de atos criminosos envolvendo assalto, furto, roubo de carros e motos, transformando o local em um espaço do medo (TUAN, 2006). Aquele vai e vem intenso de pessoas promovia segurança e uma sensação de bem-estare acolhimento, fazendo com que o lugar habitado e vivido estivesse protegido de ações criminosas por parte de marginais. O bairro



que teve anos áureos com o funcionamento da UGF sofreu com seu fechamento e amargou a sua decadência, como se pode acompanhar nas imagens a seguir.

A figura 31 mostra uma das entradas para Universidade Gama Filho, localizada na Rua Manuel Vitorino. O portão de um dos estacionamentos da instituição apresenta pichações e a cabine do funcionário aparece com a sua estrutura danificada e quebrada:

Figura 31 – Dependências da Universidade Gama Filho



Fonte: Acervo Pessoal, Agosto de 2018.

A figura 32 é referente ao Colégio de Aplicação. Apresenta sinais de deterioração pelo tempo e pela falta de conservação. Por muitos anos foi referência de ensino e abrigou inúmeras gerações, assim como a Universidade. Localizado na Rua Manuel Vitorino, no prédio anexo à instituição, sua entrada, pelo portão principal da unidade, encontra-se fechada. Muitos alunos tiveram que transferir-se ainda no período letivo para colégios adjacentes, dispondo de inúmeros problemas, pois uma mudança dessa relevância afeta a vida dos alunos em menor ou maior grau, uma vez que eles perdem aquele espaço, não por uma decisão deles e sim por fatores externos, alheios ao seu controle e domínio:

Figura 32 – Colégio de Aplicação Gama Filho



Fonte: Acervo Pessoal, Agosto de 2018.

Figura 33 – Colégio de Aplicação Gama Filho



Fonte: Acervo Pessoal, Agosto de 2018.

A paisagem atual e que se apresentou nos últimos oito anos, desde o encerramento das atividades da unidade educacional, ostenta uma paisagem problema. Alvo de constantes denúncias por quem passa pelo local, pessoas em situação de vulnerabilidade e usuários de drogas se alojaram no campus que está totalmente deteriorado, e com grande presença de lixo, entulho e materiais depredados, que atraem baratas, ratos, moscas, mosquitos e outros bichos, trazendo doenças à população do entorno. Destarte, para alguns, principalmente aqueles que presenciaram imagens mais harmônicas, com regularidade e consonância, a paisagem atual se apresenta como problema. Nesse sentido, Meinig (2002, pg. 40) diz:

Os problemas vistos por eles podem ser funcionais (congestionamento, perigo, usos incompatíveis), estéticos (desordem, falta de proporções), ou ambos. Sua perspectiva comum é olhar a paisagem e imaginá-la de forma diferente: uma que foi redesenhada. Não são todas as paisagens que estão em crise, mas cada uma é um



desafio. Cada paisagem induz a um forte desejo de altera-la de algum modo, conduzindo a uma maior harmonia e eficiência.

Em consonância com ao autor, temos abaixo o relato em reminiscência do ex-aluno Adriano Ferreira Cardoso, remontado a partir das suas vivências:

O bairro era lotado, de carros, bares, lanchonetes. Eu pegava o trem às 22h com toda segurança. Ao redor da UGF era uma alegria só, era um mundo, tinha teatro, tinha cinema, uma parte física, com natação e tudo mais. Tinha até banco. Acabou tudo. Eu morava na Zona Sul, e Piedade era apenas uma estação de ônibus que eu descia para chegar à UGF. Ela representava o bairro de Piedade, era o ponto de referência, é o que chamava atenção, além da estação ferroviária, é claro. Quanto à segurança, nunca tive problema. Hoje, parece um deserto, pois o fechamento da Instituição deixou um enorme vazio. Ademais, a universidade oferecia tal entretenimento (com preços populares ou gratuitamente) uma vez que o bairro sempre foi abandonado pelo poder público, havia pouco investimento, principalmente na educação e cultura. Com o fim dela, o bairro se transformou num deserto urbano. Pouca circulação de pessoas, desvalorização do comércio local e aumentou o índice de violência. Lembro que tomávamos uma cerveja de vez em quando no boteco na frente da universidade. Há mais de 30 anos que não vou lá, não moro mais no Brasil.

O encerramento das atividades da Universidade Gama Filho juntamente com o desemprego dos mais de 700 funcionários, transformou o bairro da Piedade em um local desguarnecido, desprotegido e com prejuízos financeiros aos comerciantes locais. Tal cenário causa medo e preocupação aos moradores, por conta do abandono e desleixo que está por toda parte, seja no comércio fechado, nas ruas sem movimento e, vale apontar novamente, no aumento da violência.

Os medos que permeiam as cidades se perpetuam de duas formas: a ordem social (na qual a sociedade está inserida) e na maneira como os espaços estão localizados. No tocante a ordem social, a forma utilizada pelos gestores de organizar as competências que lhe são atribuídas vão apontar quais localidades terão suas demandas atendidas. Neste sentido, aqueles que detinham o poder de gerir a instituição, com uma gestão ineficiente e corrupta, optaram (não se sabe se de forma indireta) por deixar falir a Universidade. Todo esse caos proporcionou o esvaziamento do espaço, se transmutando em uma área abandonada e negligenciada. Esse abandono facilita a ação de infratores, uma vez que a UGF ocupa um quarteirão do bairro. Esta, situada em frente à linha ferroviária, possui um muro alto como fronteira, onde quase não há movimentação de pessoas, tornando o local ainda mais desabitado e carente de movimento. Desta forma, aquela estabilidade que não mais se encontra causa medo e receio aos moradores. Se antes a organização e as funções desempenhadas pela instituição viabilizavam toda uma ordem harmoniosa ao bairro, hoje é um cenário totalmente diferente, a saber: um cenário onde a insegurança e mesmo o medo imperam, uma vez que, nos apropriando das conjecturas de

Tuan (2005, pg. 251), “durante a sua história a cidade tem sido oprimida pela violência e pela ameaça constante do caos”.

Medo ou sensação de insegurança infelizmente são palavras presentes no vocabulário dos moradores de Piedade, e isso é consequência direta do fechamento da Gama Filho, pois já não há mais a claridade e radiância pautadas no ir e vir dos inúmeros alunos e funcionários da faculdade, aquela rotina acelerada e frenética já não se faz mais presente, contribuindo para uma queda da movimentação na área, transformando Piedade em um bairro de passagem para outros locais, bem como dormitório para os habitantes do lugar. Esse quadro de vulnerabilidade ocasiona a ausência de pessoas nas ruas, deixando o local desabitado com interações sociais e espaciais quase nulas e/ou ineficientes.

O intenso fluxo de pessoas e mercadorias que havia ao redor da universidade gerava um sentimento de acolhimento e segurança, porque boa parte da vizinhança trabalhava na Universidade ou vivia em função dela e o fim desse circuito proporcionado pelo andamento dos serviços da unidade educacional transformou o local em um espaço esvaziado. Como ressalta Felix (2002, pg. 138), “a manifestação espacial do crime modifica os valores e as percepções espaciais, deteriora os espaços urbanos, altera os níveis de concentração ou esvaziamento e cria espaços de medo”.

A falta dessas interações demonstra o que os moradores estão vivenciando atualmente, o espaço do medo (FELIX, 2002; TUAN, 2005). A falta de convívio intenso que promovia contatos e relações redefiniu o modo como às pessoas vivem, se autosegregando em busca de sua segurança e bem-estar, sendo o medo o responsável por alterar o comportamento dos residentes do bairro, induzindo a uma apreensão modificada das formas urbanas e da configuração do local. (TUAN, 2005). Essas modificações que ocorrem na configuração espacial de uma determinada área em decorrência do medo têm sua origem na ausência de pessoas nos espaços, pois como sugere Baierl (2004, pg. 20), “o medo construído socialmente tem alterado [...] o tecido urbano e, conseqüentemente, a vida cotidiana da população”. Esse espaço do medo, concebido pelo fechamento da universidade, retirou o prazer e seguridade de outrora de frequentar os espaços do entorno da instituição e todos os estabelecimentos que sobreviviam dela. Segundo Santos e Ramires (2009, pg. 135-136), “muitos espaços citadinos deixam de ser utilizados pela população porque o medo de práticas violentas, muitas vezes imaginárias, desencadeia um sentimento de insegurança, que impede a apropriação dos mesmos”. Essa paisagem pode vir novamente a ser transformada visto que a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro tem projetos de transformar esse espaço no Parque Piedade, como pode ser observado na figura 34.

Figura 34 – Projeto Parque Piedade



Fonte: Arquivo Pessoal, Novembro de 2022.

Sobre este projeto, cabe aqui fazer alguns apontamentos importantes. Após um período significativo de abandono e deteriorização a Prefeitura do Município do Rio de Janeiro apresentou um projeto para revitaliza a área em questão. Tal projeto, sob o decreto Rio Nº 48710/2021 declarou como utilidade pública para fins de desapropriação, os imóveis do conjunto referente ao antigo *Campus* Piedade da Universidade Gama Filho, que leva em consideração que (decreto Rio Nº 48710):

a necessidade de devolver à cidade os imóveis relacionados neste decreto, restabelecendo a sua função social, conforme a Lei Federal no 10.257/2010; o grande impacto do fechamento das atividades nos imóveis, essenciais para a dinâmica econômica da Região; e a intenção de estabelecer e fortalecer centralidades na Zona Norte da Cidade e o Projeto de Desenvolvimento Urbano Piedade.

Sinaliza que a burocracia para desapropriação do *campus*, a elaboração do projeto e a licitação não permitem que seja estipulado um prazo determinado prolongando a paisagem desoladora do local.

O *Campus* Piedade está avaliado em R\$ 308 milhões, segundo valor estabelecido por administradores judiciais, advogado Gustavo Licks, um dos três administradores judiciais da massa falida, afirma que a indenização pela desapropriação do imóvel pagará os ex-



funcionários e os ex-alunos que ganharam o direito à reparação por terem sofrido danos morais e financeiros.

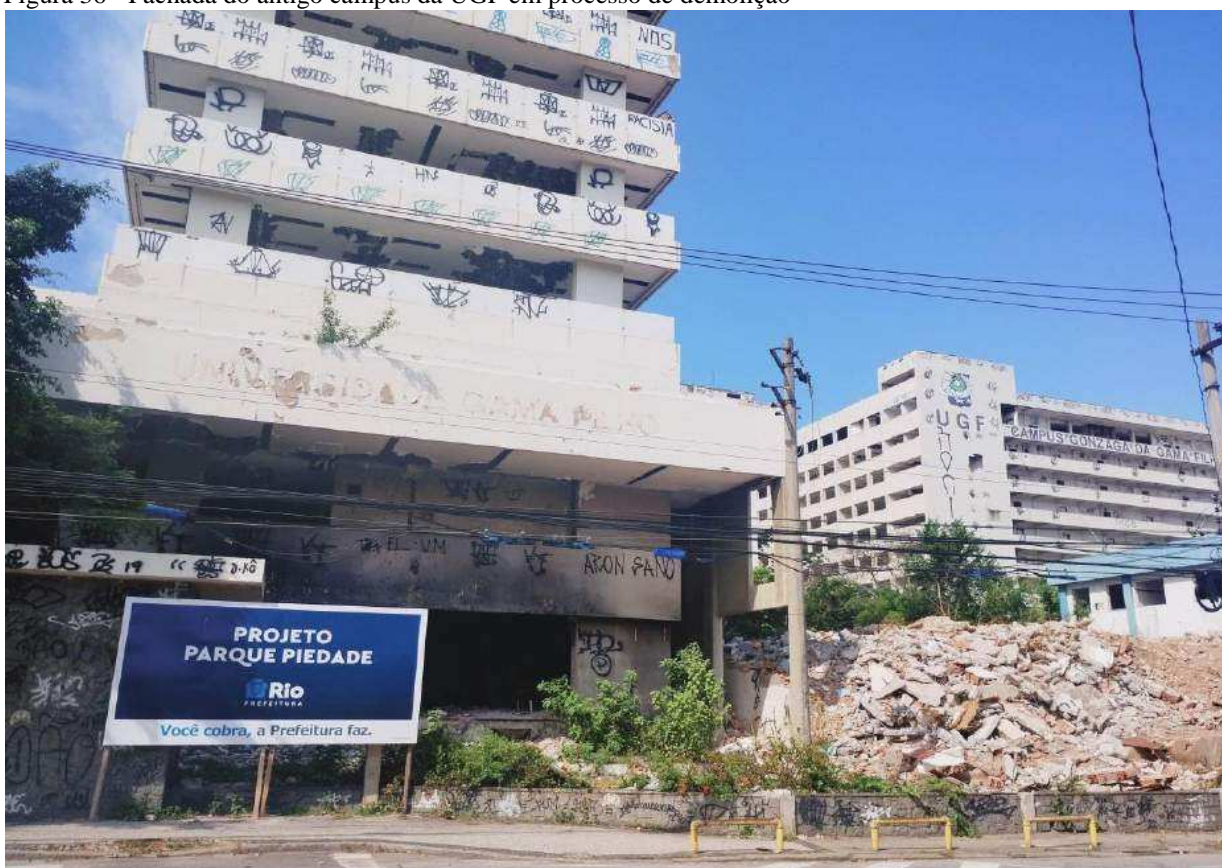
Tal projeto, que objetiva ter um centro esportivo, educacional, cultural e de lazer, horta urbana, espaço para feiras e eventos, parcão, academia, pista de skate, campo de futebol, parque infantil, entre outros atrativos para os moradores e frequentadores em parceria com a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Rio de Janeiro (Fecomércio/RJ), traz esperança de dias mais luminosos e movimentados para o espaço que atualmente causa medo e temor. A Fecomércio/RJ, cujo interesse é ter um escritório alocado neste conjunto pretende revitalizar o espaço em parceria com a Prefeitura e com as participações dos componentes do Sistema “S” (Composto por Senai, Sesc, Senac e Sesi).

Figura 35 - Projeto do Parque Piedade



Fonte: Arquivo pessoal, Novembro de 2022.

Figura 36 - Fachada do antigo campus da UGF em processo de demolição

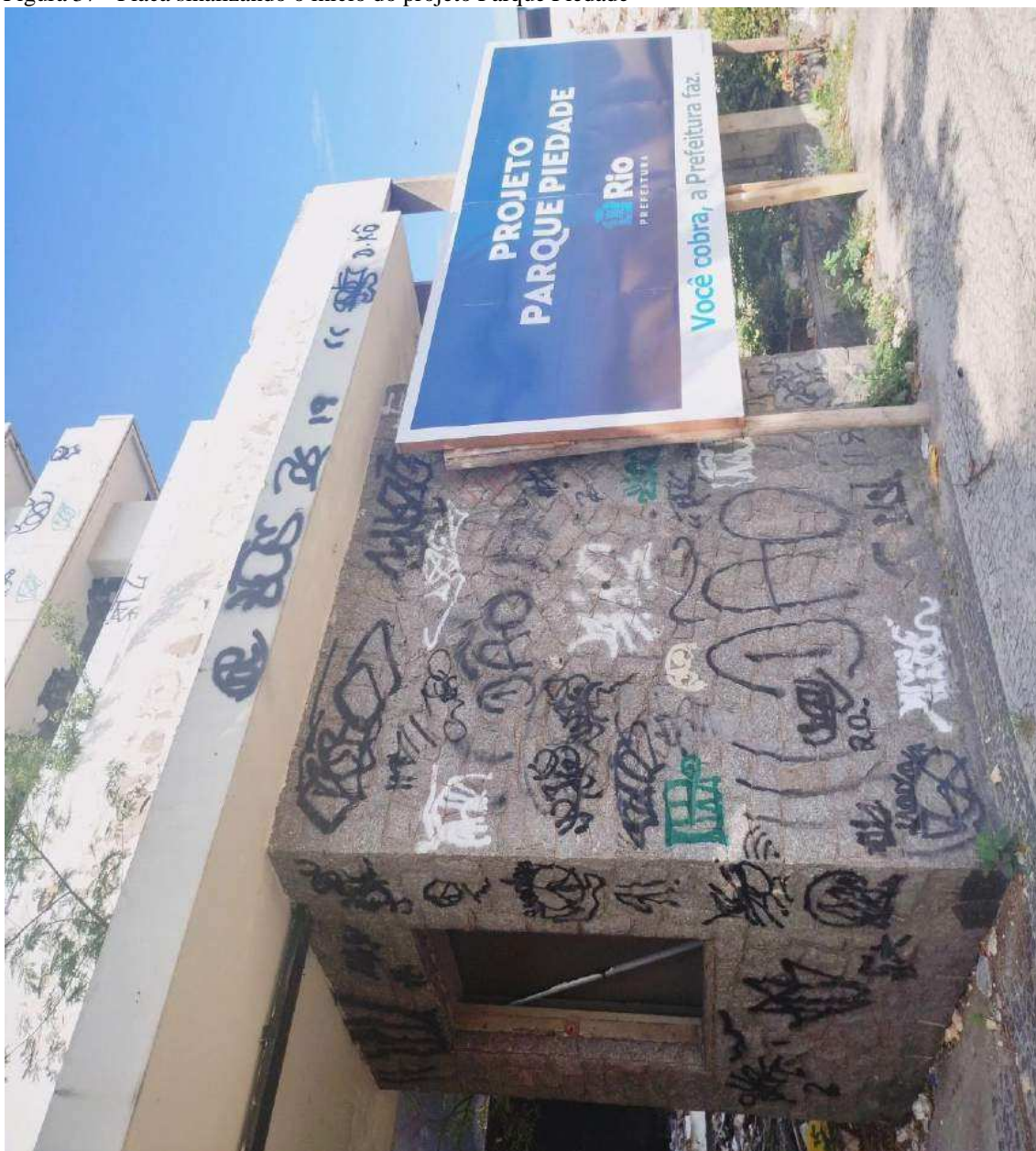


Fonte: Arquivo pessoal, Novembro de 2022.

O projeto prevê a revitalização do entorno por meio de reurbanização das vias com melhoria de pavimentação, sinalização, iluminação, paisagismo, rampa de acessibilidade na estação de Piedade, pela Rua Goiás e uma ciclovia na Rua Manuel Vitorino. A Rua da Capela, onde está localizada a Capela Nossa Senhora da Piedade, tombada pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH) em 1996 por sua importância arquitetônica, histórica e cultural, também será contemplada com melhorias de urbanização.



Figura 37 - Placa sinalizando o início do projeto Parque Piedade



Fonte: Arquivo pessoal, Ano 2022.

Terminado os apontamentos sobre o Parque Piedade voltamos à questão inicial. Neste panorama, Tuan (2005) afirma ainda que na cidade os prédios construídos são para o abrigo de pessoas, então o abandono dos mesmos pode acarretar em uma situação de perigo para aqueles que vivem ao seu redor. No caso específico da Universidade Gama Filho, a construção tinha um expressivo impacto social mesmo não sendo para moradia. Contudo, atualmente inverteu o seu uso original. Isto é, o complexo de uso educacional/comercial se tornou abrigo para

moradores de rua, e para pessoas que deliberadamente depredam e saqueiam tudo que pode ser vendido ou trocado por drogas. Assim podemos entender que aqueles que vivem à margem da sociedade usufruem do espaço, apesar de ser considerado incorreto pelas regras sociais. Neste sentido, a forma como a Universidade se apresenta atualmente é, na realidade, uma paisagem de medo, com toda a sua estrutura retratando um processo de deterioração (FELIX, 2002; TUAN, 2005).

Para além de promover a formação e qualificação educacional, o papel de uma universidade também pode ser medido no desenvolvimento do bairro no qual está instalada, pois promove efeitos diretos no crescimento e evolução da localidade, bem como também preenche uma necessidade criada a partir de um contexto econômico, qual seja: a geração de renda e/ou renda extra/complementar. Isto acontece porque as atividades econômicas geradas por uma universidade envolvem muitos agentes e estabelecimentos, tais como bares, repúblicas, lanchonetes, papelarias, pequenas lojas fotocopadoras, entre outras. Nestas circunstâncias, o fechamento de uma instituição desse porte desmonta toda uma estrutura que vive e sobrevive da oferta de serviços, quebrando a rede de fluxos de capital que circula e viabiliza essa malha educacional (SANTOS, 1997).

As figuras abaixo apresentam uma radiografia da área próxima a Universidade Gama Filho e mostram como sua falência interfere de modo direto e indireto na estrutura do bairro a ponto de transformar a área em um local vazio e temerário:

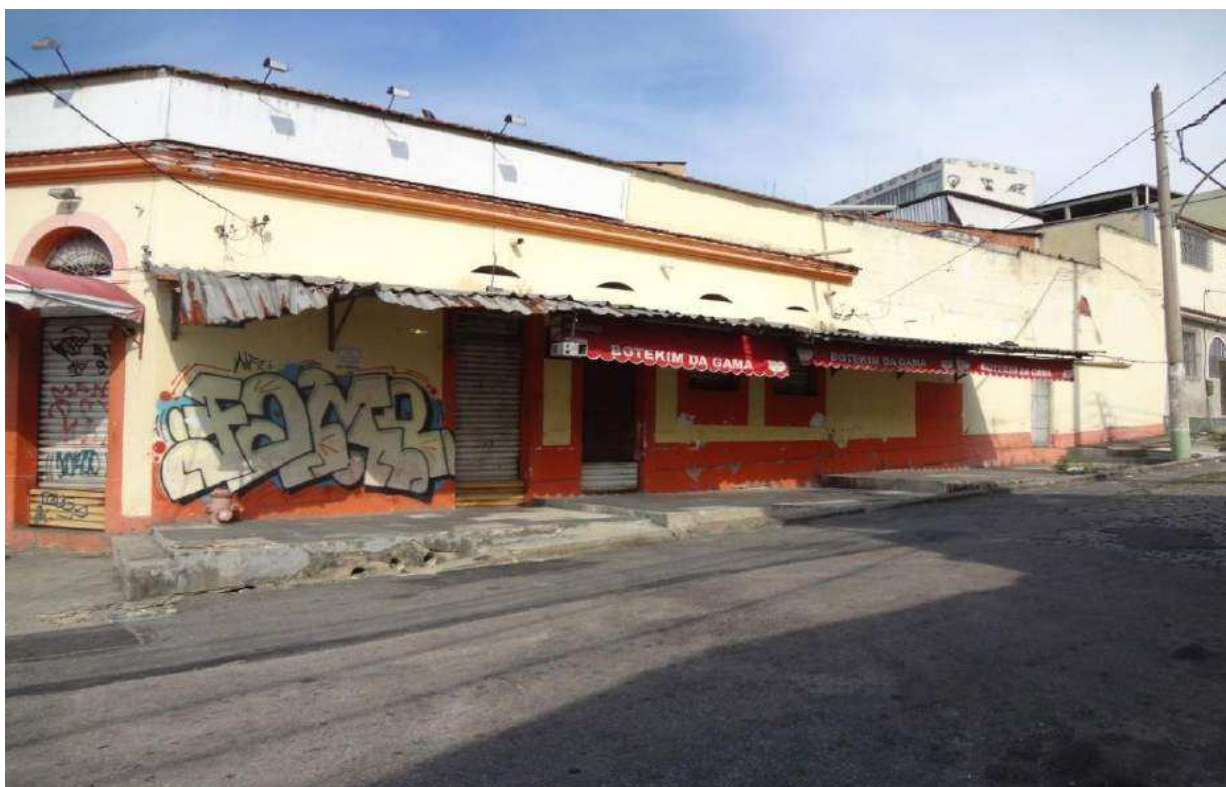
Figura 38 – Comércio fechado em torno da Universidade Gama Filho



Fonte: Acervo Pessoal, Agosto de 2018.

Na figura 39, apresentamos o famoso “Botekim da Gama”, fixado na entrada da Rua Martins Costa e esquina com a Rua Manuel Vitorino, local outrora bastante frequentado pelos alunos. Podemos perceber que o comércio sentiu os efeitos do fechamento da universidade e não conseguiu se manter ativo, uma vez que viviam quase que exclusivamente do ir e vir dos alunos e funcionários da universidade. O encerramento das atividades foi imediato após o descredenciamento e término das atividades do *campus*, transformando a área em um local desabitado e ermo. Como sugere Félix (2002, p. 5), “certos espaços são absolutamente deteriorados pelo esvaziamento habitacional... [atraindo] determinados elementos e se tornam espaços típicos de delitos específicos”.

Figura 39 – Comércio que se sustentava do público universitário



Fonte: Acervo Pessoal, Agosto de 2018.

Nessa perspectiva, a leitura de uma cidade é marcada por sua heterogeneidade, algo que pode ser associado a situação vivida pelo bairro de Piedade. Tuan (2005) afirma que a cidade nada mais é que uma arrogante pretensão humana, marcada por uma infinidade de conflitos que regem a convivência nesse ambiente. A história das cidades é influenciada pelos instrumentos de coerção característicos que definem a prerrogativa do caos. A este fenômeno de conflitos violentos, o autor denomina de paisagem do medo. O geógrafo Yi-Fu Tuan (2005) coloca ainda que tudo que nos é estranho e nos causa repulsa não compete a ser compreendido. A instituição,



atualmente ocupada por aqueles que não possuem moradia, traduz um retrato contemporâneo de uma área anteriormente *éthos* de convivência e empregabilidade no referido bairro.

A figura 40 mostra outros comércios que sucumbiram após o encerramento das atividades da Universidade, o bar e lanchonete, localizado na Rua da Capela, número 20, hoje com as portas fechadas. Um de seus acessos pode ser realizado pela Rua Manuel Vitorino, figura 41.

Figura 40 – Comércio fechado



Fonte: Acervo Pessoal, 2018.



Figura 41 - Rua Manuel Vitorino / Bairro Piedade



Fonte: O Rio de Janeiro, 2022.

Figura 42 Rua Assis Carneiro / Bairro Piedade



Fonte: O Rio de Janeiro, 2022.

Logo abaixo, a imagem 43 apresenta uma das várias repúblicas estudantis que foram fechadas com o fim da Universidade Gama Filho. Ela também estava localizada na Rua da Capela, bem próximo ao endereço da instituição, o que facilitava o acesso dos estudantes a mesma. O ingresso era pela Rua Manuel Vitorino, assim como pela Rua Xavier dos Pássaros, no sentido oposto.

Figura 43 – República de estudantes fechada



Fonte: Acervo Pessoal, Agosto de 2018.

Como já mencionado a desativação do complexo universitário provocou um esvaziamento do bairro e sua deterioração fez surgir novas e conflitantes paisagens. Por conta disso vem ocorrendo desde o seu fechamento o êxodo de moradores que se mudam para bairros vizinhos em busca de melhoria na qualidade de vida. Piedade tornou-se uma área de passagem, pois oferece aos moradores e transeuntes poucas variedades de comércio e/ou serviço.

Não há no local um supermercado de grande porte, agências bancárias, agência dos correios, assim como emergências hospitalares ou postos de saúde e clínicas da família, e como já destacamos neste trabalho, também não existem locais que ofereçam cultura e

entretenimento, fazendo com que os moradores precisem se deslocar para obter alguma forma de lazer e os serviços citados acima. O bairro sofre com a falta de comércio e com a insegurança, e acaba por ficar combalido com esta falta de injeção de capital que ocorria nos tempos em que a UGF funcionava a pleno vapor. Seu entorno atualmente apresenta um hiato e causa medo aos moradores e passantes do local.

Toda claridade promovida pelo funcionamento da instituição não se faz mais presente, isso torna a área temerária, uma vez que as ruas desertas ficaram perigosas, sendo qualquer indivíduo uma vítima em potencial ao transitar pelas ruas das redondezas, como pode ser constatado através de reportagens do Jornal O Globo, realizada no ano 2022, sobre o aumento da violência e a deterioração do bairro pós-fechamento da UGF. Tais reportagens podem ser encontradas nos links abaixo:

Reportagem 1: Moradores de condomínio em Piedade relatam cobranças de taxas e serviços por traficantes do Morro do Dezoito (04/07/2022): <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/07/04/moradores-de-condominio-em-piedade-relatam-cobrancas-de-taxas-e-servicos-por-traficantes-do-morro-do-dezoito.ghtml>

Reportagem 2: Moradores de Piedade reclamam de sujeira e insegurança após abandono dos prédios da Gama Filho (25/07/2022) <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/07/25/moradores-da-piedade-reclamam-de-sujeira-e-inseguranca-apos-abandono-dos-predios-da-gama-filho.ghtml>

Reportagem 3: Terra arrasada; O fechamento da Gama Filho causa colapso no comércio e insegurança no bairro de Piedade (02/06/17) <https://vejario.abril.com.br/cidade/fechamento-gama-filho-provoca-crise-comercio-piedade-rj/>

Figura 44 – Compilado das Reportagens mencionadas acima

## Moradores de condomínio em Piedade relatam cobranças de taxas e serviços por traficantes do Morro do Dezoito

Comunidade fica a 1,5 km do empreendimento. Cobrança seria de R\$ 70, sob a ameaça da portaria do condomínio ser metralhada.

Por Bette Lucchese, RJ2

04/07/2022 19h25 · Atualizado há 6 meses



## Moradores de Piedade reclamam de sujeira e insegurança após abandono dos prédios da Gama Filho

O descaso é grande: lixo, buracos, falta de iluminação na rua e insegurança crescente. Prefeitura diz que terreno está em processo desapropriação para a construção de parque, mas não dá prazo para a obra.

Por Rodrigo Monteiro e Vivi Tufani, Bom Dia Rio

25/07/2022 08h35 · Atualizado há 5 meses



## Terra arrasada

O fechamento da Gama Filho causa colapso no comércio e insegurança no bairro de Piedade

Por Ernesto Neves Atualizado em 2 jun 2017, 13h09 - Publicado em 16 abr 2014, 17h30



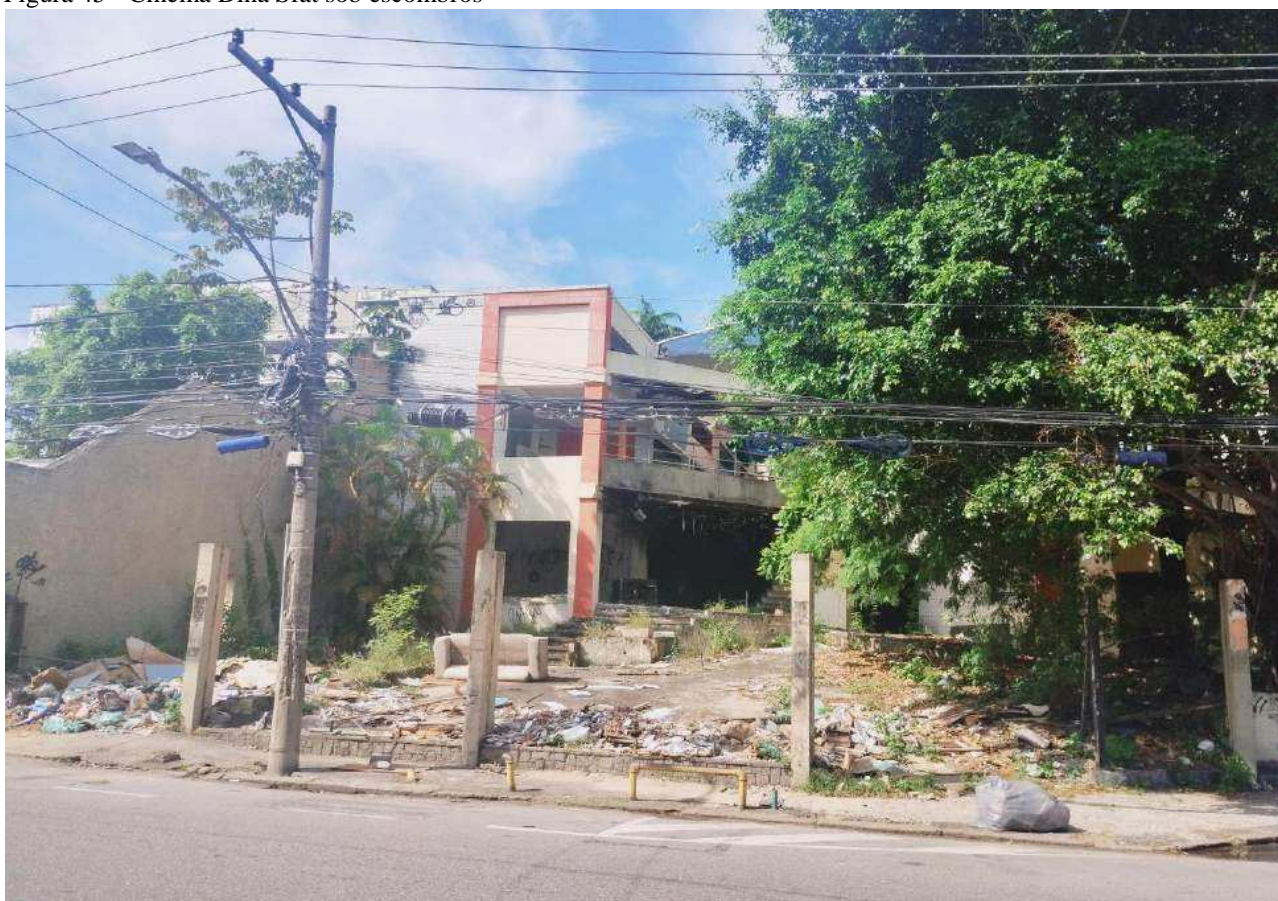
## Retrato da decadência

*Confira o que ficou pelo caminho na vizinhança do câmpus*



Os portões já não existem mais, assim como as janelas, e o letreiro do prédio principal ficou no passado. As ruas Xavier dos Pássaros e Martins Costa, ponto de entrada para a extinta Universidade, são hoje palcos constantes para desmanches de veículos roubados, estes são incendiados e tem suas peças retiradas no local. A criminalidade se faz presente de várias formas, resultando no medo constante dos moradores. O espaço sofreu um intenso processo de modificação devido à falência da universidade, as casas estão desvalorizadas, o comércio precarizado, enfim a paisagem resultante é uma evidência triste e desoladora. Nas imagens abaixo, uma mostrando a situação atual do cinema que ficava nas dependências da universidade, e outra mostrando a condição atual do prédio principal, temos um flagrante de uma paisagem que provoca ao mesmo tempo angústia e melancolia.

Figura 45 - Cinema Dina Sfat sob escombros



Fonte: Arquivo pessoal, Novembro de 2022

Figura 46 - Parte interna do prédio principal



Fonte: Arquivo pessoal, Novembro de 2022.

Podemos dizer que a falência da Universidade provocou a morte do lugar? Podemos dizer que sua paisagem atual reflete essa morte? Para desdobrar tais perguntas, é necessário pensar não apenas o sentido existencial e articulado do lugar, mas também como sua condição traduzia nas imagens oferecidas no decorrer do funcionamento da instituição de ensino. A finitude da UGF trouxe uma melancolia e cultivou nos moradores, grupo social mais atingido pelo seu colapso, a evasão do progresso, da continuidade e dos laços com o lugar.

O vigor e prosperidade de outrora causa nostalgia e tristeza para quem assiste o vazio que ficou após o descredenciamento de um símbolo da grandeza e importância da Universidade Gama Filho. E por que a UGF pode ser considerada um símbolo? Ora, símbolo, de acordo com os dicionários, significa aquilo que por convenção ou por princípio de analogia formal ou de outra natureza, substitui ou sugere algo. Em outras palavras, aquilo que exerce influência nos sentimentos e relações dos indivíduos com determinado algo ou local, expressando afeição e envolvimento. A construção da Universidade, além de propiciar o desenvolvimento do bairro,



irradiava aos residentes sentimentos e nuances que causam no imaginário dos moradores uma relação de pertencimento. Seu funcionamento no decorrer do século XX e início do XXI, suas funções e suas formas fazem com que os residentes simbolizem o lugar, ainda que fechada. Sua abrangência e imponência traduz no bairro configurações que não se pode visualizar em bairros vizinhos, destacando-a como um lugar central. Como aponta Mello (2010, pg. 3):

No bojo de tal abrangência, lugares e símbolos, merecedores de considerações especiais, confundem-se e adquirem significados tecidos por meio da permanência e dos envoltórios que conduzem à posse e a afeição, denotando pertencimento e intimidade.

Neste sentido, para Tuan (1983), as pessoas que residem em um determinado espaço possuem experiências específicas sobre ele, baseadas no conhecimento e na construção que fazem da realidade circundante. Assim, a UGF, quando em atividade, foi dotada de significados, alcançando esse patamar devido, em parte, a sua área de abrangência e monumentalidade e a partir das relações ali estabelecidas, fazendo de Piedade um local de atração de pessoas e serviços e um local de permanência, continuidade e existência. Sua simbologia se caracteriza pelos diversos significados transmitidos aos moradores do bairro, trazidos em suas memórias individuais e coletivas devido às relações firmadas naquele quarteirão durante o período de seu funcionamento. A Universidade, agora fechada, ainda se apresenta como o cartão postal do bairro, bem como ser uma referência locacional por causa de seus 13 prédios distribuídos em 85.000 m<sup>2</sup> de extensão. Teve sua identidade construída ao longo dos anos, devido às transformações no espaço advindas de seu longo funcionamento. Sendo assim, o desenvolvimento do local em que o objeto está inserido, o transforma em monumento, como sugere Peet (1996, p. 23 apud Corrêa, 2005, p.1):

parte integrante do processo de transformação urbana, os monumentos recriaram paisagens. Foram elas dotadas de inúmeros símbolos, preenchidas com signos portadores de mensagens ideológicas, que contribuem para cumprir a tarefa de modelar o imaginário social, gerando a formação de imagens do passado e do futuro, criando e alterando padrões de significados.

A materialização estrutural da instituição e a sua organização no espaço geográfico do bairro promoveu uma configuração ao redor e em virtude da Universidade. Por conseguinte, a apropriação deste monumento ao longo do tempo construiu a experiência vivida pelos residentes do bairro, transformando-a em um símbolo, por excelência. Esta atribuição advém das relações de sociabilidade, uma vez que representa a memória das relações vividas e contribui para a construção de uma identidade atrelada a Gama Filho. Essa significância

individual e coletiva foi o que elevou a instituição ao patamar de lugar simbólico central. Ou como aponta Mello (1991, págs. 1 e 2):

os lugares/símbolos, nessa abrangência, são igualmente públicos, compartilhados e forjados por intermédio de edificantes significados. A ideia pode ser reforçada ancorando-se na frase do filósofo francês Gabriel Mareei, reaproveitada por RELPH (1976, p.34): “um indivíduo não é distinto de seu lugar, ele é esse lugar”. O lar/lugar/pátria é, ao mesmo tempo, um símbolo de união e congraçamento. Trata-se de um mundo vivido e filosófico, existencial e coletivo, de enraizamento, lutas e glórias, uma “morada familiar”.

Nestas circunstâncias, a simbologia é uma relação criada e mantida pelos indivíduos que usufruíam e cercavam a área da Universidade, sendo beneficiados por todo o aparato oferecido pela mesma, uma vez que transforma o bairro de Piedade, pois quando questionam sobre o local, utilizam-na como ponto de referência e acesso. O geógrafo João Baptista Ferreira de Mello (2005, p. 2) esclarece essa questão:

símbolos afloram no contato direto, transmitidos por pessoas ou diversos canais de expressão, sendo alguns apenas cultuados nos sonhos. De toda sorte, são eles permanentes, transitórios ou imorredouros, mesmo se pulverizadas as suas formas materiais. Contudo, persistem sendo construídos ou, em alguns casos, esquecidos pelos indivíduos ou a coletividade nos mais diversos espaços e lugares.

Sendo assim, a Universidade, por transmitir essa simbologia derivada das relações afetivas positivas ou negativas das pessoas para com esta construção, a torna um monumento, ou seja, tudo aquilo que memoriza ou traz à lembrança algo que se quer guardar, que é digno de memória (ANJOS, 2013, 2016). Por estar vinculado a um determinado corpo social é gerado uma afetividade em decorrência da memória e experiências vividas pelos mesmos. Cria-se uma identidade e o monumento passa a ser referência local e parte da história daquele povo, ou como sugere Corrêa (2005, p. 1):

os monumentos são [...] entendidos como formas simbólicas grandiosas como estátuas, obeliscos, colunas e templos. Representações materiais de eventos passados integram o meio ambiente construído, compondo de modo marcante a paisagem de determinados espaços públicos da cidade.

Finalmente, o nome da Universidade Gama Filho registra de forma intrínseca o bairro Piedade, pois como forma a localizar os demais espacialmente é possível perceber a importância da representatividade da instituição até o presente. Nessa lógica, percebemos que sua estrutura e monumentalidade se legitimam a partir das relações vividas e do imaginário das pessoas que estabeleceram qualquer tipo de ligação com a instituição, tendo as experiências mantidas na memória a partir do caráter afetivo vinculado aos usuários da Universidade e aos residentes do entorno da mesma. (ANJOS, 2013, 2016). Nesta compreensão fenomenológica da paisagem, símbolo, imagem antiga, memória e cuidado demonstra uma relação afetiva mais ligada ao passado.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho remonta o processo de construção da Universidade Gama Filho, além de uma análise que destaca e foca a importância de sua criação para o bairro Piedade. Dito isto, ressaltamos também a relação existente entre o monumento em destaque com os residentes, assim como o fomento promovido pelo advento da instituição junto à área estudada desencadeando sua melhoria e prosperidade a partir de sua construção, bem como atual configuração onde permeiam o medo e a sensação de insegurança por parte dos moradores e passantes.

Dentre outras temáticas apresentadas ao longo desta dissertação, pode-se destacar a simbologia e monumentalidade da instituição, que em seus 75 anos de funcionamento provocaram o imaginário coletivo de todos que tiveram algum tipo de relação ou experiência junto a Universidade.

Ademais, a UGF, ainda que tivesse como objetivo principal o ensino e a formação profissional de pessoas, suas atividades suplementares a qualificou como um lugar central, sendo um ponto de atração de pessoas e de serviços. O grande fluxo de pessoas promovido pelas atividades exercidas na instituição, as relações estabelecidas dos frequentadores com a mesma, além do progresso do bairro que sofreu influência direta da Universidade, estabeleceu um tecido no entorno caracterizando uma área de abrangência intermunicipal. Posto isso, a Gama Filho se alçou como um lugar central, pois como afirma Mello (2002, pg. 10), “esta espécie de vitrine coletiva atrai usuários e consumidores que procuram centros que apresentam uma certa gama de bens e serviços”.

No entanto, toda essa centralidade e área de abrangência tiveram o seu fim com o descredenciamento da Universidade pelo Ministério da Educação em 2014, devido a sua baixa qualidade de ensino que teve origem na má gestão da instituição pelo grupo responsável pelo seu funcionamento, o grupo Galileu. O fim das atividades provocou um esvaziamento na localidade, o fechamento de estabelecimentos do entorno que sobreviviam do ir e vir de pessoas que frequentavam a universidade, transformando o bairro em um local ermo e desguarnecido. Neste sentido, Piedade vem decaindo nos últimos anos, uma vez que aos poucos as indústrias, estabelecimentos, assim como repúblicas estudantis instaladas na localidade fecharam as portas, deixando apenas uma sensação de temor e preocupação, caracterizando o bairro como um espaço do medo. Segundo Tuan (1983, pg.231):

A cidade representa a maior aspiração da humanidade em relação a uma ordem perfeita e harmônica, tanto em sua estrutura arquitetônica como nos laços sociais. Em

todo lugar que o urbanismo apareceu de forma independente, descobrimos que suas raízes assentam em um centro cerimonial prestigioso em vez de em um lugarejo. Uma função primeira e essencial da cidade foi ser um símbolo vivo da ordem cósmica [...] Correspondendo a esse desejo de perfeição física estava o anseio por uma sociedade estável e harmoniosa.

Vale apontar, o bairro de Piedade não possui uma oferta grande de escolas públicas ou privadas além de não mais abrigar uma instituição de ensino superior. Fazendo com que os moradores tenham que se deslocar para outros bairros a fim de promover seu crescimento educacional.

O tema abordado vem sendo estudado há cerca de quatro anos, sendo tema do meu trabalho de conclusão do curso na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Dessa forma, até a presente data, ainda que haja políticas intencionais que visem mudar o panorama atual da UGF, não vislumbramos mudanças efetivas. Os treze prédios que compõem o campus Piedade da Universidade Gama Filho, apesar do projeto de revitalização ainda se encontram sem destino. No entanto, tal fixo permanece com sua condição de monumento simbólico, uma vez que continua despertando (SANTOS, 1997; CORREA, 2005) sentimentos contraditórios ao mesmo tempo em que promove a criação de uma paisagem do medo (TUAN 2005; MELLO 2012; ANJOS, 2016).

Como já mencionado, existe um projeto da Prefeitura para revitalização do espaço. Tal projeto pretende renovar o espaço alterando sua forma e função (SANTOS, 1997). Este novo empreendimento trará novas perspectivas ao espaço oco e infrutífero, modificando o *status quo* do objeto de estudo.

Para tanto, a efetivação da política pública de restauração já mencionada começou a ser cumprida em 18 de outubro de 2022, quando a Prefeitura do município do Rio de Janeiro demoliu do primeiro prédio da antiga Universidade Gama Filho. Tal política visa uma modificação na estrutura original, de modo a agregar serviços e recursos que promovam novamente o progresso do bairro, bem como transformar a paisagem de modo a permitir uma renovação dos laços estabelecidos ao longo do tempo entre os moradores e frequentadores do bairro com aquele espaço/lugar (Mello 2005, 2008, 2012).

O objetivo inicial do projeto pressupõe que o terreno da Universidade Gama Filho seja sede do Parque Piedade. Com um espaço de aproximadamente 88 mil metros quadrados, este será transformado em uma área pública, após oito anos de abandono. A Prefeitura começou o processo de desapropriação dos imóveis do terreno, e após conseguir a posse de um dos prédios, deu início à demolição (Figura 47), como mencionado acima enquanto segue os trâmites judiciais para ter a propriedade dos demais.

Figura 47 - Demolição de um dos prédios da Universidade Gama Filho



Fonte: Arquivo pessoal, Novembro de 2022.

De acordo com a mesma, a primeira demolição simboliza o início do resgate do orgulho suburbano no bairro de Piedade. O prefeito do município, Eduardo Paes, mostrou interesse em resgatar o espaço, que se tornou um problema público, mediante esvaziamento do local, bem como a invasão por parte de moradores de ruas, usuários de drogas entre outros. Ainda que os moradores da região tenham sentimentos que variam entre a esperança e a descrença sobre a promessa de revitalização da área, o projeto vislumbra um começo com o processo de construção e a demolição, efetivando uma mudança no campo real, e também no campo simbólico.



O subprefeito da Zona Norte, Diego Vaz, em entrevista destaca que possui vínculo com a Universidade: “qualquer carioca que não tenha sido aluno da faculdade tem um familiar ou conhecido que teve uma história na Universidade Gama Filho. Eu mesmo não fui aluno, mas já disputei torneios esportivos nesse complexo”. (O São Gonçalo, 2022).

Figura 48 – Escombros do primeiro prédio demolido



Fonte: Arquivo pessoal, Novembro de 2022

Figura 49 - Vista lateral dos escombros do primeiro prédio demolidos

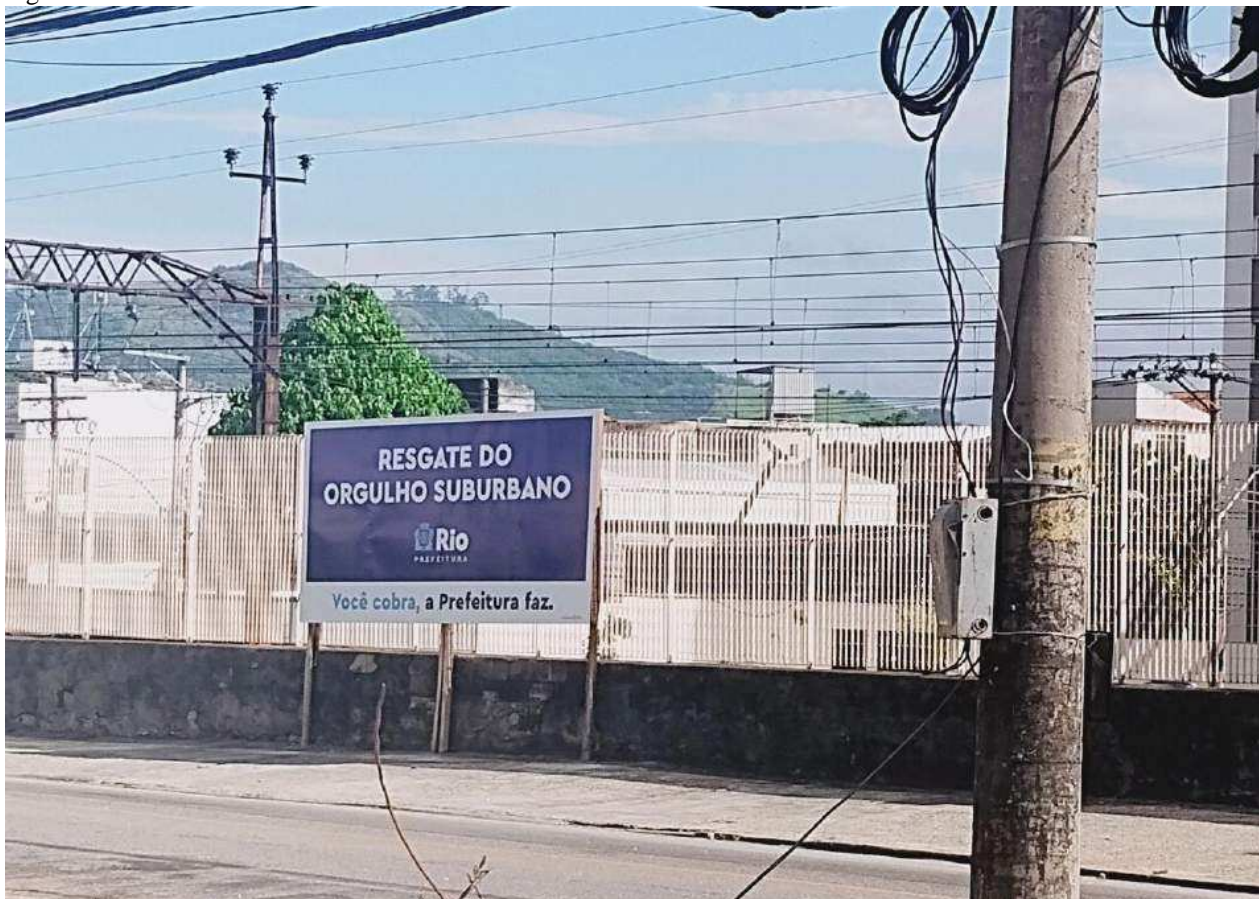


Fonte: Arquivo pessoal, Novembro de 2022.



Nestas circunstâncias, podemos perceber como está intrínseco no morador de Piedade a importância da recuperação do espaço antes ocupado pela UGF, e a relevância de devolver a funcionalidade ao mesmo. Faz parte de nós, constitui nossa essência, nossa natureza, como estampa a placa na figura 50.

Figura 50 - Placa instalada na Rua Manuel Vitorino



Fonte: Arquivo pessoal, Novembro de 2022.

Por fim esperamos ter contemplado ao longo dessa pesquisa o objetivo de identificar e entender as mudanças sofridas na paisagem no período de funcionamento da Universidade Gama Filho bem como após o seu fechamento. Ao lado disso ensejamos também ter esclarecido o quanto a ligação emocional entre pessoas e lugares/espacos é importante para o entendimento da construção, permanência e transformação das paisagens.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. A evolução urbana do Rio de Janeiro. 4. Ed. Rio de Janeiro: IPP, 2008.
- BAIERL, L. F. Medo social: Da violência visível ao invisível da violência. São Paulo: Cortez, 2004.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). Paisagem, Tempo e Cultura. 2º ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, pp. 84-91.
- BESSE, Jean-Marc. O gosto do mundo: exercícios de paisagem/ por Jean-Marc Besse; tradução de Annie Cambe. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- BONNEMAISON, Jöel. Viagem em Torno do Território. In: CORRÊA, Roberto L.;
- CASALEIRO, Paula; QUINTELA, Pedro. As paisagens sonoras dos Centros Históricos de Coimbra e do Porto: um exercício de escuta. Anais... VI Congresso Português de Sociologia: mundos sociais - saberes e práticas. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, p. 1-13. 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/2LfY2bv>>. Acesso em: 5 mar. 2018.
- CLAVAL, Paul. A geografia cultural. Florianópolis: UFSC, 2014.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Monumento, política e espaço. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). Geografia: temas sobre Cultura e Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, pp. 9 – 42.
- COSGROVE, Denis. In Geografia cultural: uma antologia (1) / organização, Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl.- Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- Damasceno, Jacqueline, Gama Filho – Réquiem para uma universidade, 2018.
- \_\_. Uma sistematização da análise de monumentos na geografia. Revista Terra Plural. Ponta Grossa: Ed. UEPG, v. 1., 2007, pp. 9-22.

\_\_. Espaço e simbolismo. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, pp. 133-153.

FELD, Steven. Pensando na gravação de paisagens sonoras. Música e Cultura, Rio de Janeiro, vol. 9, n. 1. 2014. Não paginado. Disponível em: <<http://bit.ly/2LfwQF3>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

FELIX, A. F. Geografia do crime: interdisciplinaridade e relevâncias. Marília: UNESP, 2002.

FORTUNA, Carlos. Imagens da cidade: sonoridades e ambientes sociais urbanos. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, n. 51, p. 21-41, 1998. Disponível em: <<http://bit.ly/2LgVWIA>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

<https://diariodorio.com/campus-da-antiga-gama-filho-e-avaliado-em-mais-de-r-300-milhoes/>

Furlanetto, Beatriz Helena. Paisagem sonora do boi-de-mamão no litoral paranaense: a face oculta do riso, 2017.

<https://www.band.uol.com.br/bandnews-fm/rio-de-janeiro/noticias/corpos-e-restos-mortais-estao-jogados-no-campus-da-antiga-gama-filho-16476361>

<https://diariodorio.com/campus-da-antiga-gama-filho-e-avaliado-em-mais-de-r-300-milhoes/>

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/10/18/em-meio-ao-abandono-vizinhos-da-antiga-universidade-gama-filho-esperam-que-parque-leve-seguranca-e-investimento-a-regiao.ghtml>

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/07/04/moradores-de-condominio-em-piedade-relatam-cobrancas-de-taxas-e-servicos-por-trafficantes-do-morro-do-dezoito.ghtml>

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/07/25/moradores-da-piedade-reclamam-de-sujeira-e-inseguranca-apos-abandono-dos-predios-da-gama-filho.ghtml>

<https://prefeitura.rio/cidade/prefeitura-inicia-demolicao-do-primeiro-predio-da-universidade-gama-filho-para-a-construcao-do-parque-piedade/>

<https://vejario.abril.com.br/cidade/fechamento-gama-filho-provoca-criese-comercio-piedade-rj/>

Judo Rio. [https://www.judorio.org/portal/index.php?option=com\\_content](https://www.judorio.org/portal/index.php?option=com_content) HYPERLINK  
<https://www.judorio.org/>, acessado em 30 de set. 2020.

Kureski, Ricardi; Rolim, Cássio. “Impacto Econômico de Curto Prazo das Universidades Federais na Economia Brasileira.” Porto Alegre, (2010)

Meinig, D. W. O olho que observa: dez versões da mesma cena (1976). Tradução de W.Holzer. Espaço e Cultura (UERJ). Rio de Janeiro,2003.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “deslugares”. Espaço e Cultura, n. 16. Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC, 2003, pp. 64-72.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Rio De Janeiro e de Simbólicas Centralidades, 2005.

MELLO, João Baptista Ferreira de. A humanística perspectiva do espaço e do lugar. In: Revista ACTA Geográfica, ANO V, N°9, jan./jun. de 2011.

MultiRio. “Da Série Bairros Cariocas”. Rio de Janeiro, (2014). Disponível em: <[http://HYPERLINK \"http://%20http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/665-de-estacao-gamba-a-piedade\"http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/665-de-estacao-gamba-a-piedade](http://HYPERLINK \)>. Acessado em: 25/09/2020

O dia. <https://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-03-12/sem-alunos-da-gama-filho-piedade-amarga-a-falencia.html> , acessado em 30 de setembro de 2020.

O globo. <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/gestao-de-grupo-financeiro-agrava-crise-na-gama-filho-universidade-9518134> in 14 de agosto de 201, acessado em 30 de setembro de 2020.

O globo. <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/gestao-de-grupo-financeiro-agrava-crise-na-gama-filho-universidade-9518134>, acessado em 30 de setembro de 2020.

Relatório Final - Comissão Parlamentar De Inquérito

[file:///C:/Users/Dell/Downloads/R.FINAL%20RES.%20522.2012%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Dell/Downloads/R.FINAL%20RES.%20522.2012%20(1).pdf)

Revista Universidade Gama Filho. In: TRAJETÓRIAS da Universidade privada no Brasil, com o então vice-reitor da Universidade Gama Filho, Carlos Antônio Lopes Pereira, em 3 de julho 2001.

Santos e Ramires, Espaço Urbano e Violência: Uma Contribuição Geográfica, (2009, p. 135-136),

SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). Paisagem, Tempo e Cultura. 2º ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, pp. 12-73.

Sauer, Carl. In Geografia cultural: uma antologia (1) / organização, Roberto

Seamon, David. Body-subject, time-space routines and places-ballets. In: BUTTIMER, Anne; SEAMON, David (org). The human experience of space and place. New York: St. Martins Press, 1980, p. 148-165.

Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl.- Rio de Janeiro:EdUERJ, 2012.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo - razão e emoção. 2º ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

TUAN, Y. F. Topofilia. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu, Paisagens do medo – São Paulo: Editora UNESP, 2005.

Um Bairro Chamado Piedade: Memória de um subúrbio carioca. Rio de Janeiro: Editora Central da UGF, Museu Universitário Gama Filho 1991



**ANEXO A – Questionário Cenas do Cotidiano**

Nome (caso queira se identificar): \_\_\_\_\_

Você sabia do fechamento da instituição. Sim ( ) Não ( ). Como ficou sabendo? Você acreditou que de fato isso pudesse ocorrer?

Como você se sentiu com o fechamento da Gama Filho?

Qual foi o impacto do fechamento da Gama Filho em sua vida?

Qual era o seu relacionamento com a universidade? Você gostava de estudar/trabalhar na Gama Filho? Qual sentimento lhe provocava fazer parte do relacionamento com a Gama Filho?

E o bairro da Piedade? Na época em que a Universidade funcionava você conseguiria descrever como era o bairro? Você gostava do bairro?

Como você se sentia ao passar pelas ruas do entorno da Universidade Gama Filho? O que mais lhe chamava atenção? Você conseguiria apontar algum símbolo (ponto de referência) no bairro?

Você voltou ao bairro depois do fechamento da Gama Filho?

Você consegue diferenciar a paisagem antes e pós-fechamento da instituição? O que você sente quando ouve falar sobre a Gama Filho?

O que você sente quando passa ou vê a Gama Filho fechada? O que você acha que poderia ser feito no local?